



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MIRELLE NERES VIEIRA

**“MEU AMIGO PE. JOÃO”: UMA JUAZEIRINHO PELOS OLHOS DE UM PÁROCO
HOLANDÊS**

CAMPINA GRANDE - PB

2020

MIRELLE NERES VIEIRA

**“MEU AMIGO PE. JOÃO”: UMA JUAZEIRINHO PELOS OLHOS DE UM PÁROCO
HOLANDÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Campus I em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Área de concentração: Estudos do Brasil.

Orientador: José dos Santos Costa Júnior.

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V658m Vieira, Mirelle Neres.

“Meu amigo Pe. João” [manuscrito] : uma Juazeirinhopelos olhos de um pároco holandês / Mirelle Neres Vieira.

- 2020. 56 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior , Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Juazeirinho - Paraíba. 2. História local. 3. Historiografia.

4. História eclesial. 5. Igreja católica. I. Título

21. ed. CDD 907.2

MIRELLE NERES VIEIRA

**“MEU AMIGO PE. JOÃO”: UMA JUAZEIRINHO PELOS OLHOS DE UM PÁROCO
HOLANDÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Campus I como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Linha de pesquisa: História e Narrativa.

Orientador: José dos Santos Costa Júnior.

Aprovado em: 04/12/2020 com conceito 10.

BANCA EXAMINADORA

Jose dos Santos Costa Junior

Prof. Me José dos Santos Costa Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Hilmaria Xavier Ribeiro

Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jose Adilson Filho

Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, sou grata a Deus por tudo o que vivi durante esses quase cinco anos e meio desde a minha aprovação e matrícula na graduação. Cursar História foi um sonho que nutri desde criança e, chegados os momentos finais, durante esse ano tão difícil e incerto, jamais me senti sozinha. A Ele toda honra e glória por todos os momentos nos quais eu não sabia como continuar e após orar, nas ansiedades antes de dormir, Deus punha sua mão sobre minha mente, reavivando em mim meus propósitos e razões para continuar mesmo sendo difícil.

À minha mãe, Adriana, que sempre fez o possível (e o que pensei ser impossível), acreditando em meus sonhos. O privilégio de ingressar no ensino superior e concluir o curso, sem o peso de também trabalhar, foi graças a seu empenho para que nunca me faltassem oportunidades. Meu maior propósito sempre será agir pensando em lhe dar orgulho e amor. Sua amizade, honestidade, sinceridade e visão de mundo são grandes exemplos pra mim.

À minha tão querida e amada avó, Neide, por ser minha segunda mãe, agradeço por seu amor, presente em todas as suas orações e bênçãos seguidas de nosso beijinho na testa. Agradeço também por todas as nossas conversas e desabafos, minha alegria está em lhe ver feliz.

À minha irmã gêmea, Millena, por ser tão diferente de mim. Diferença essa a responsável por toda nossa cumplicidade e amor, que acabam fazendo de você a pessoa com quem mais compartilho minhas conquistas e dificuldades.

Ao meu avô Antônio, tios, tias e primas. Assim como familiares nos quais cito minhas tias-avós e tios-avôs, meus padrinhos Nildo e Patrícia, Danielle, Emília, Gracielle, Luciana, Martins Júnior e Sulene. Obrigada!

Aos meus amigos de infância, em especial Aparecida, Camila, Lucas e Mateus.

À minha amiga Tamyres, por ser também uma irmã. Obrigada pela preocupação, apoio e incentivo em todos os momentos em que acreditei ser incapaz (foram muitos).

Aos colegas de turma, especialmente aos amigos que mais intimamente dividiram comigo todos os problemas e conquistas durante a graduação. Meus “chegados”: Alisson, Beatriz, Daise, Emanuel, Gustavo, Laiza, Natália, Rafael e Túlio. Obrigada, sem seu apoio meu caminho teria sido mais difícil e sem a beleza de ter por perto bons amigos.

Aos colegas de curso, nos quais conquistei amizades que levarei para minha vida: Adailton, Alex, Franciel, meu primo Gilvan Júnior e Maxciel, com todo o seu companheirismo,

nas tantas conversas depois das aulas (tempos pré-pandêmicos) e nas ligações onde dividimos dificuldades, saudades e esperanças por dias melhores.

Aos colegas, conterrâneos com quem vivenciei as tantas viagens diárias à Campina Grande. Em especial, a pessoa de Alessandra, com quem firmei uma amizade muito especial.

Aos motoristas de ônibus da minha cidade e das cidades circunvizinhas, por conduzirem diariamente tantas alunas e alunos à Campina Grande. Em especial, agradeço a Armênio, por seu profissionalismo e condução cuidadosa.

Às oportunidades que o meio acadêmico me proporcionou através do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígenas (NEABI), do Programa de Monitoria e das tantas experiências possíveis a cada aula de cada pessoa que compôs e compõe o quadro de docentes do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba. Diante dos quais cito Hilmária Xavier Ribeiro que, mesmo após o período em que estive como minha professora, continuou em minha vida, como uma amiga que me orgulho de ter e uma pessoa na qual tenho como exemplo. Obrigada!

À minha amada Juazeirinho e seus educadores, pesquisadores e agentes culturais, na esperança de que mais colegas e conterrâneos a enalteçam em suas pesquisas, ações e vidas.

Para o título de “por último, mas não menos importante”, meu orientador, o Professor Mestre José dos Santos Costa Júnior. A quem jamais cansarei de ser grata pela sua prontidão em me aceitar como sua orientanda, em me direcionar para o discutido neste trabalho, pensando que seria melhor para este momento, assim como por toda a atenção, cuidado, sugestões e paciência. O fato de não ter ministrado nenhum componente curricular para mim e minha turma é lamentável, mas enquanto sua orientanda entendi o que alguns colegas falavam sobre suas aulas. Seu acolhimento e palavras amenas sempre serão recordados por mim durante os anos em que pretendo atuar como docente. Obrigada!

Enfim, são muitos os agradecimentos, muitos outros poderiam ser feitos, mas espero que todos os que por mim tiveram pensamentos e sentimentos bons, sintam minha sincera gratidão.

"Todos nós merecemos sermos aplaudidos de pé em algum momento de nossas vidas. Meus amigos merecem, meus professores merecem. Minha irmã também, por sempre estar do meu lado[...]. E minha mãe é a que mais merece, por nunca desistir de nada, especialmente de mim"

Extraordinário – R. J. Palácio, 2012.

RESUMO

Na dificuldade de realizar pesquisas locais sobre a cidade de Juazeirinho – PB, diante da realidade de poucas produções sobre a historiografia local, a história eclesial da Paróquia São José de Juazeirinho do holandês Padre João Jorge Rietveld, recebe atenção e protagonismo diante de seu extenso conteúdo que parte do estudo de livros de registros eclesiais, acerca de uma gama de acontecimentos que levam até o desenvolvimento da cidade e Paróquia São José de Juazeirinho e região. Buscamos neste trabalho, através de um levantamento bibliográfico sobre a cidade, materiais pré-existentes à chegada do Padre João Jorge ao município (2002), onde buscamos problematizar acerca de quais motivações o conduziram a realizar as pesquisas sobre a pequena cidade do interior paraibano; sua dedicação a projetos pastorais e sociais durante sua administração paroquial (2002-2014); análise sobre *O Verde do Juazeiro: história da paróquia de São José de Juazeirinho* (2009) e o impacto e disseminação de sua obra em produções posteriores. Para tanto, partimos de um diálogo historiográfico e de um referencial teórico, onde destacamos as contribuições obtidas a partir de Sandra Jatahy Pesavento (2007), José Adilson Filho (2019) e Roger Chartier (2010) para melhor pensarmos acerca das histórias das cidades, história local e representações.

Palavras-chave: Juazeirinho – PB; Paróquia São José; Padre João Jorge Rietveld.

ABSTRACT

In the difficulty of conducting local research on the city of Juazeirinho –PB, given the reality of few productions on local historiography, the ecclesial history of the Parish of São José from Juazeirinho by the Dutch Father João Jorge Rietveld, receives attention and prominence in view of its extensive content that starts from the study of ecclesial registration books, about a range of events that lead to the development of the city and Parish of São José from Juazeirinho and region. In this work, we sought, through a bibliographical survey about the city, pre-existing materials at the arrival of Father João Jorge in the municipality (2002), where we sought to question what motivations led him to carry out research on the small city in the interior of Paraíba; his dedication to pastoral and social projects during his parish administration (2002-2014); analysis of *O Verde do Juazeiro: history of the parish of São José de Juazeirinho* (2009) and the impact and dissemination of his work in later productions. For that, we start from a historiographical dialogue and from a theoretical reference, where we highlight the contributions obtained from Sandra Jatahy Pesavento (2007), José Adilson Filho (2019) and Roger Chartier (2010) to better think about the stories of the cities, local history and representations.

Keywords: Juazeirinho – PB; Parish São José; Father João Jorge Rietveld.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Ilustração do Estado da Paraíba, atuais delimitações dos municípios de Juazeirinho e Soledade.....	21
Figura 2- Matéria sobre os 60 anos de fundação do município.....	27
Figura 3- Convite para festejos carnavalescos em Juazeirinho – PB, 1956.....	29
Figura 4- Padre João Jorge Rietveld.....	32
Figura 5- Capa do livro Rietveld (2009)	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEB – Comunidade Eclesial de Base

ECC – Encontro de Casais com Cristo

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

SPA – Sociedade Paraibana de Arqueologia

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO I: RAÍZES, TRONCO E FOLHA.....	19
2.1 O Juazeiro da Paraíba	19
2.2 De João a João	25
2.3 Geldrop, Holanda – 1953	30
3 CAPÍTULO II: FLORES, FRUTOS E SEMENTES.....	36
3.1 Um bom pastor	36
3.2 O verde do Juazeiro	41
3.3 O servo semeador de talentos	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
FONTES CONSULTADAS.....	52
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de modernizar os mecanismos que compõem a historiografia é uma realidade mais fortemente protagonizada a partir do século XIX, quando se sente a necessidade de compreender cada vez mais sobre o que compete ao homem e sua interferência na sociedade em que se faz atuante, assim como a influência da sociedade em sua construção. Diante disso, novos caminhos são percorridos pelo fazer histórico, quando este se permite focalizar suas lentes de análise para objetos já existentes, mas não abordados nas narrativas constituídas até então. O resultado desse novo modo de gestar a história também desperta o interesse de outros que não somente seus operários, trazendo mais urgências e ânsias externas, partindo das mais variadas escalas de análise.

É graças a tal avanço no fazer histórico que podemos pensar nosso trabalho, a partir do ano dois do século XXI, quando chegava à cidade de Juazeirinho – PB o novo pároco da Paróquia São José. Uma personalidade que atrai olhares dos fiéis da cidade e da região que compete a paróquia, não só por sua chegada, mas também por um sotaque digamos que, “curioso”. Se apresentando como natural da Holanda, o Padre João Jorge Rietveld se encontrava numa cidade de aproximadamente 15.000 habitantes na época, sendo estes a partir daquele momento, responsáveis por acolher seu novo pastor. Quanto ao pastor, caberia escrever a “história da cidade”.

Quando nos remetemos a uma história da cidade, pensamos na sua construção a partir de Sandra Pesavento¹, como uma narrativa feita através de um contrato, onde alguém será responsabilizado por unir “tudo” o que for julgado importante sobre o local que deseja ter uma história de si para contar. Usando de artifícios que embelezam os olhos de quem a irá ler, a narrativa traz consigo elementos chave como figuras emblemáticas, um evento que sirva de marco inicial para mudar o curso daquele momento e a partir disso, uma projeção de futuro promissor como resultado de um passado glorioso e frutífero.

Diante de tal construção, as indagações aqui discutidas partem das motivações que conduziram o padre estrangeiro a realizar uma pesquisa sobre a História da Paróquia São José de Juazeirinho – PB e quais elementos compõem sua obra. Para tanto, se faz necessário para o estudo, discutirmos o conceito do que seria local, nos enxergando como fruto de uma tendência atual, onde pesquisadores têm cada vez mais se empenhado em produzir pesquisas sobre o que

¹ PESAVENTO, S. J. Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, v. 27, p. 7-23, 2007.

é lido como representação sobre o local e suas particularidades em detrimento de uma totalidade em tempos de uma globalização imediatista.

Para o historiador Adilson Filho², local seria o ambiente onde são vivenciados os sentimentos, sociabilidades, idealizações de futuro e frustrações, sendo entendidos como ambientes, as cidades, vilas, distritos, bairros, casas, ruas e outros. Os enxergando como cenário onde se concentram pontos importantes de uma vida. Os desafios para retratar um acontecimento, vida e cenário em si, na história, moram nos artifícios necessários para que, no desejo de representar um objeto de estudo, mesmo através de uma escala reduzida, não tomem forma as narrativas que regressem às visões de uma elite que retrata grandes fenômenos. Tornando assim relativo também o conceito de grandiosidade, o colocando como distinto para cada indivíduo e o grau de importância que este venha a atribuir ao objeto em questão.

Por sua vez, Erinaldo Cavalcanti³, ao trabalhar esses desafios e limites do estudo referente a uma dimensão local, também nos alerta para pensar tal conceito, fugindo de conclusões generalizantes, assim como de julgamentos desta como, por ser local, ser retratada como pequena, referente somente ao entorno e por isso também, possível de compilar o todo em um único estudo. Para além de tais pontos já preocupantes, há também o desafio de não delimitar o estudo local a uma determinação geográfica, lembrando que existem questões maiores que vão além de delimitações de espaços. E ao trazer tais pontos, é fundamental que não tomemos a história local como um fragmento de um todo, como se dele fosse possível retirar conclusões que explicam questões em âmbito nacional ou até mesmo global.

Com o título de *O Verde do Juazeiro: História da Paróquia São José de Juazeirinho*⁴, livro datado no ano de 2009, a obra sob autoria do Padre holandês, teve sua publicação somente às vésperas da cidade de Juazeirinho comemorar seus 100 anos de fundação (2013). Desse modo, se faz essencial mencionarmos quais seriam as referências anteriores a tal obra, considerando que, cientes de sua data de publicação, teoricamente seu conteúdo contempla décadas de acontecimentos, mesmo repleta de filtros e recortes que tornaram viável a sua

² ADILSON FILHO, José. A História Local em Tempos de Globalização. In: SANTANA, Flávio Carreiro de; MONTEIRO, Luíra Freire (org.). *Limites no Horizonte do Tempo: Textos em História Local*. 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2019. p. 177-188.

³ CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, [s.l.], ano 2018, v. 7, ed. 13, p. 272-292, jan/jun 2018. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ>. Acesso em: 24 ago. 2020.

⁴ RIETVELD, Padre João Jorge. *O Verde do Juazeiro: história da paróquia de São José de Juazeirinho*. 1. ed. João Pessoa: Imprell Gráfica e Editora, 2009. 362 p.

realização. Caso contrário, possivelmente o uso do ditado “santo de casa não faz milagre”⁵, o somando a um gigantesco ponto de interrogação, nos serviria bem.

Para responder essa questão, é o próprio Padre João, na última página do livro em que atua como organizador, juntamente com Aellyson da Silva Henrique⁶ quem classifica como “Livros sobre Juazeirinho” as obras: *Livro do município de Juazeirinho*⁷, datado em 1985 e o seu próprio ao qual já nos referimos, *O verde do juazeiro: História da Paróquia São José de Juazeirinho* de 2009. Sendo o primeiro, resultado de uma coleção de livros de iniciativa do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)⁸, assim sendo identificado como de iniciativa de um órgão federal, em parceria com o prefeito da cidade na época, Januário Cordeiro de Azevedo.

Novamente indo de acordo com Adilson Filho⁹, obras que acabam por ser classificadas como pioneiras, geralmente se fazem escritas por personalidades importantes da sociedade retratada, sendo estes responsáveis por pesquisas e catalogação de dados locais raros e de difícil acesso, colocando seus trabalhos como de grande importância para a historiografia. Contudo, é a falta de uma formação historiográfica, que nos permite revisar e reformular seus conteúdos, produzindo trabalhos que somem aos já existentes. Indo mais além, mesmo que haja algum vínculo destes, com institutos de pesquisa, tornando assim suas produções mais atenciosas quanto a detalhes minuciosos, ainda assim se encontram passíveis de cometer faltas quanto à visão crítica dos documentos, imposta a historiadores de formação.

Cientes de que a percepção quanto a falta de produções locais (acadêmicas ou não), é uma realidade na busca por narrativas sobre a cidade, e não se inicia a partir do nosso trabalho, citamos o cordelista José Manoel dos Santos, quando ao escrever um folheto de cordel, em

⁵ O ditado se refere ao versículo bíblico: Mas Jesus disse: — Um profeta é respeitado em toda parte, menos na sua terra, entre os seus parentes e na sua própria casa (BÍBLIA, M, 2011. p. 1190).

⁶ José Aellyson da Silva atua na secretária paroquial desde a administração paroquial de Padre João Jorge, permanecendo até os dias atuais. Ver RIETVELD, João Jorge; HENRIQUE, José Aellyson da Silva (org.). *Um Juazeiro que floresce: Trezentos e Quarenta e Sete Acadêmicos de Juazeirinho (1913-2013)*. 1. ed. Campina Grande-PB: Maxgraf- Gráfica e Editora, 2013.

⁷ MELO, Inácio Correia de. et al. *Livro do Município de Juazeirinho*. Fundação Brasileiro de Alfabetização – Paraíba. Mobral. João Pessoa: Gráfica J. B. Ltda, 1983.

⁸ Sobre o MOBRAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização que surge no final do ano de 1967, a partir da Lei nº 5.379, como iniciativa do governo voltada para alfabetização de adultos entre 15 a 30 anos durante o regime militar brasileiro. Ver BELUZO; TONIOSSO, 2015.

⁹ Devido à escassa produção historiográfica, resumida principalmente a alguns poucos trabalhos publicados na forma de livros (às vezes apenas um), toda uma comunidade é levada a interpretar a história da sua cidade a partir de uma perspectiva na qual não se vislumbra conflitos e contradições. Pois comumente prima-se por uma abordagem que prioriza bibliografias de figuras destacadas do meio social (políticos, coronéis, famílias tradicionais, empresários, juizes, advogados, padres, pastores) e de forma simplória a vida de personagens das camadas populares (loucos, prostitutas, bêbados, artistas populares, etc.). Na maior parte das vezes desvencilhada de um olhar mais crítico quanto ao enfoque, às fontes e metodologias. (ADILSON FILHO, 2019, p. 181).

comemoração aos 90 anos de fundação da cidade (2003)¹⁰, expressa: “Percebo, faz tempo, que a nossa história não tem o destaque e divulgação merecida, exemplo disto: A biblioteca municipal, não possuía sequer um exemplar do livro do município, fonte deste trabalho, agora o tem”.

Em trabalho realizado em nível de mestrado na área de educação, Kiara Tatianny Santos da Costa¹¹, nos traz: “a partir da leitura realizada no livro do município, que conta a história do município de Juazeirinho — PB, observa-se um único parágrafo que demarca a questão educacional no município [...]”. Com tais referências, percebemos ao mesmo tempo claros indícios da carência em produções locais, como também a verificação da importância do “Livro do Município”. Notando também que, existem sinais de que “juazeirinhenses¹² não se acomodaram à sombra do pé de Juazeiro”, se enxergarmos a analogia como um possível relaxamento e comodismo a ação de ir em busca de um resgate histórico.

O termo “resgate histórico” é aqui usado propositalmente para nos conduzir ao que parece ser um rascunho inédito de um projeto de pesquisa intitulado como *Resgate Histórico e Cultural do Município de Juazeirinho — PB*¹³, datado no ano de 2002 e se colocando como de autoria do sociólogo Kacio Rogério de Araújo. Além de seu título pretensioso, tal projeto também se coloca como sendo uma iniciativa de alguns setores da sociedade civil, juntamente com representantes do poder público municipal. Seu objetivo principal se encontraria na produção de uma cartilha didática que deveria ser distribuída nas escolas do município em nível fundamental, possibilitando uma alternativa de material didático para se trabalhar uma memória social, através da história local, recebendo o título de “A história de Juazeirinho nós contamos”¹⁴.

O nome Juazeirinho, parte da árvore do Juazeiro¹⁵, sendo descrita como uma árvore predominantemente presente na Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, se destaca por

¹⁰ SANTOS, José Manoel dos. *Nova História de Juazeirinho — PB*: recontada em cordel [Folheto] / José Manoel dos Santos. Juazeirinho: [s. n.], 2003. 16 p.

¹¹ COSTA, Kiara Tatianny Santos da. *Entre casas e instituições escolares: A educação de Juazeirinho - PB nas vozes de educadoras pioneiras (1950-1973)*. Orientador: Wojciech Andrzej Kulesza. 2012. 136 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2012.

¹² Gentílico correspondente a nascidos na cidade de Juazeirinho — PB.

¹³ ARAÚJO, Kacio Rogério de. et al. *Resgate Histórico e Cultural do Município de Juazeirinho — PB*, 2002.

¹⁴ O mais próximo de uma realização desse projeto, se dá por meio de uma pequena revista em comemoração aos 90 anos da cidade, sob caráter de propaganda do governo atuante naquela época, chefiado pelo prefeito Fred Marinheiro, datada no ano de 2003 que, por sua vez, traz créditos de autoria atribuídos a jornalista Albênia Araújo, em colaboração com Cristina Silva e Rosa Lúcia dos Santos. Ver: ARAÚJO, A. Juazeirinho 90 anos. *Revista especial [s.l.]*: Gráfica Marcone. V. único. 1500 exemplares. 2003.

¹⁵ DANTAS, Francisca Clenilda Pereira. et al. *Ziziphus joazeiro Mart. - Rhamnaceae: características biogeoquímicas e importância no bioma Caatinga*. Divulgação Científica e Tecnológica Do IFPB, João Pessoa - PB, ed. 25, 2014. p. 51-57.

obter água do subsolo e assim conseguindo continuar verde diante de um cenário seco e árido. Seu desenvolvimento ocorre através de um processo aproximado a doze meses, chegando a viver por volta de cem anos. Produz flores e frutos amarelos, semelhantes a pepitas de ouro, podendo seus frutos serem consumidos por seres humanos e animais, também trazendo benefícios medicinais. Com sua copa produzindo uma grandiosa sombra, retratada no Hino da Cidade¹⁶ como a da árvore frondosa, passagem e abrigo obrigatório dos tropeiros, seria também o elo acolhedor de quem por ela passa e se torna um amigo.

É sob a importante sombra do Juazeiro também, que observamos marcos históricos que dão a noção de início e começo, se tratando de aspectos da cidade: descanso e fonte de alimento para nativos e animais diante de terras quentes e secas; repouso de tropeiros que realizavam o percurso entre o brejo e sertão paraibano; especulada como local onde acontece a primeira feira da cidade, marco fundador da até então fazenda Joazeiro, em 04 de novembro de 1913; e local onde, segundo o historiador Vanderley de Brito¹⁷ no prefácio do livro que tomamos para análise, narra como o início da jornada de Padre João, ao buscar um resgate sobre vivências do catolicismo local, a partir de uma conversa sobre vivências sertanejas com os paroquianos que ao perceberem sua solidão, se aproximam de mais um amigo estrangeiro, acolhido pela sombra do “pé de Juá”.

Continuando a narrar essa experiência afetiva do padre com seus paroquianos, Vanderley de Brito finaliza ao colocar Padre João quase como um Isaac Newton do cariri, quando este, pensa registros paroquiais e diocesanos, aliados a relatos orais, como meios de registrar a história do povo que lhe faz companhia. O despertar vem quando, ao receber um juá maduro que desprende da árvore e cai sob sua cabeça, ele decide que já passa da hora de retomar suas obrigações, também a partir dali iniciando o projeto pensando a partir das reflexões feitas durante os momentos de repouso sob o pé de Juá.

Padre João, ao chegar ao Brasil em 1986, vindo a ser ordenado como padre em 1987, se fez pároco de outras cidades do Cariri paraibano. Estando nessas terras há 16 anos quando chega a Juazeirinho, consolidou trabalhos interessantes e semelhantes sobre algumas das cidades onde também se fez pároco. Dessa forma, nota-se que, o que foi feito em Juazeirinho é inédito para a cidade, mas não para Padre João. Na busca por particularidades podemos notar que o acolhimento na relação entre pároco e paroquianos é recíproco quando Padre João expressa:

¹⁶ “Foste outrora passagem dos tropeiros / Tua sombra servia-lhes de abrigo/ És a imagem da árvore frondosa/ Que acolhe a todos como amigos.” (ARAÚJO, 2003).

¹⁷ RIETVELD, 2009.

Meu interesse na história eclesial desta paróquia não é simplesmente acadêmico. Antes, pelo contrário; é relacionado a um ditado que diz: “A gente não ama o que não conhece”. O meu primeiro dever como padre é zelar pelo rebanho que Deus me confiou. Este zelo deve ser baseado num conhecimento profundo, como Jesus, o bom pastor, já ensinou. Tem tanta gente boa vivendo no quase anonimato a sua missão cristã¹⁸!

Diante desse trecho onde o padre retrata suas intenções ao realizar tal obra, classificada como uma história eclesial por ele mesmo, evidenciada no próprio título do livro, também temos em Rietveld e Henrique (2013)¹⁹, uma reflexão importante de ser pensada quando este percebe o interesse na história em geral e pela história local, diante do cenário de Juazeirinho, como sendo a busca por conhecimentos que necessitam de uma conscientização. Isso devido a preocupações maiores como a sobrevivência, enxergando nessas condições, a “história como luxo”.

Ou seja, a falta de incentivos públicos e de materiais que forneçam condições para que escolas contemplem em seus currículos — pontuada no projeto trazido aqui anteriormente —, uma história ligada ao município, produz uma concepção de que o saber histórico seria destinado somente, talvez, a quem se aventura em formações superiores e/ou tenha condições e “tempo” para fazê-lo. Reforçando a identidade juazeirinhense adquirida somente a partir de um “Livro do Município”, não havendo necessidade de ir além.

Em um contexto político nacional, sentenciando retrocessos e cortes no já precário sistema educacional brasileiro, de fato, o ato de discutir história se torna dispensável para quem se encontra distante dos interesses acadêmicos. Desse modo, as perguntas aqui feitas partem das possíveis motivações que impossibilitam a obtenção de fontes locais escritas, visuais, “oficiais”, assim como a quem estão atribuídos e em propriedade, materiais importantes para uma construção historiográfica – além ou com exceção dos relatos orais – que poderiam forjar a construção de “vários juazeiros”, da forma como os “vários brasis” foram impressos nas inúmeras pesquisas produzidas desde a chamada História Geral de Varnhagen²⁰. Assim como questionar se o fato de o autor da obra discutida, ser padre, poderia possibilitar um maior acesso a acervos particulares, paroquiais, diocesanos.

Tendo como certa a contribuição de Padre João e seu trabalho para a historiografia, o que buscamos segundo Chartier²¹, é o exercício da crítica onde se constrói o ofício historiográfico, visando a identificação dos silenciamentos e reproduções de discursos

¹⁸ RIETVELD, 2009, p. 10.

¹⁹ RIETVELD; HENRIQUE, 2013.

²⁰ REIS, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC. 9. ed.– Rio de Janeiro: FGV, 2007.

²¹ CHARTIER, R. "Escutar os mortos com os olhos". Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 6-30, 1 jan. 2010.

fundadores, memorialistas e narrativas engessadas, na produção do saber com base nas operações técnicas da ciência.

Diante disso, como forma de referência a formação de Padre João como mestre em agronomia tropical, este trabalho se organiza em dois capítulos, que representam partes da árvore do Juazeiro, onde buscamos pensar a ação de um indivíduo na estrutura de um espaço social e a modificação no campo cultural local a partir de uma representação pensada sobre este. Explanando em nível de informação o contexto espacial de nosso recorte, até a modificação causada pelo ator social. Para isso, mostra-se os resultados alcançados a partir de pesquisas documentais e bibliográficas, onde buscou-se a existência de trabalhos pré-existentes sobre a temática abordada, uma análise de sua obra, para então buscar influências em pesquisas, frutos do trabalho desempenhado por Padre João Jorge na cidade.

Assim, em nosso primeiro capítulo, pensamos as raízes, tronco e folha do nosso trabalho, sendo estes uma apresentação para o leitor sobre a cidade de Juazeirinho – PB, relembrando a necessidade de uma história fundadora e contextualizando quem lê acerca de sua fundação, política e vultos históricos; o encontrado acerca de produções sobre o município anteriores a obra de Padre João; finalizando na figura do próprio padre e sua jornada até a chegada em Juazeirinho.

No segundo capítulo temos o contexto paroquial no qual padre João se depara ao chegar na cidade, seu florescer com projetos sociais desempenhados durante o período em que foi pároco na cidade; aprofundamento em torno do livro *O Verde do Juazeiro: História da Paróquia de Juazeirinho* e o impacto deste nas produções posteriores, tendo algumas mencionadas na obra *Um Juazeiro que floresce: Trezentos e Quarenta e Sete Acadêmicos de Juazeirinho (1913-2013)* e, posteriormente, no livro *Diálogos e experiências no Município de Juazeirinho, PB*²².

Juntamente com as obras de Padre João, a pesquisa conta com demais documentos atribuídos ao município e seu desenvolvimento, a fim de delimitarmos como se tornou possível a construção de um arquivo que remonte uma representação cultural sobre o município partindo de Padre João, e o que circunda a organização de seu trabalho ao almejar, nas entrelinhas de seu texto, uma cidade que busque mais por suas raízes e discuta mais sobre estas. Assim, pensamos este trabalho com seu corpo sendo semelhante a uma árvore do Juazeiro, com suas

²² NERY, Luciana Fernandes (org.). *Diálogos e experiências no Município de Juazeirinho*, PB. 1.ed. Queimadas – PB: Gráfica Cópias e Papéis copiadora, 2017.

raízes, tronco, folha, flores, frutos e sementes, na esperança de que assim como este, mais pesquisas sobre o município sejam possíveis.

2 CAPÍTULO I: RAÍZES, TRONCO E FOLHA

2.1 O Juazeiro da Paraíba

Localizados no nordeste brasileiro, três “juazeiros” podem ser encontrados em estados diferentes da região do país. O “Juazeiro da Bahia”, com seus estimados 218.162 habitantes; o “Juazeiro de Padre Cícero” com estimados 276.264 habitantes; e o “Juazeiro da Paraíba” com os seus 18.298²³ habitantes. Assim, se levarmos em consideração apenas esses números, obter uma explicação aceitável para a denominação do último, como sendo apenas Juazeirinho. Mesmo sendo diminuto em número de habitantes, e não recebendo um complemento, acrescido apenas de um diminutivo, a cidade que tem por área territorial atual 474,606 Km², é representada em uma estrofe do cordelista José Manoel dos Santos, como sendo uma terra que prosperou e assim se fez amada e motivo de felicidade para seus munícipes, após seus cem anos de fundação:

Tem a rua principal/ Cortada pelo asfalto/ Cem anos foi um salto/ Daquele momento inicial/ Quando pela estrada vicinal/ A tropa de burros surgia/ O comércio então nascia/ Do tropeiro em sua jornada/ Juazeirinho, terra amada/ Razão da minha alegria²⁴.

Estando situado a 209 Km da capital do Estado, João Pessoa, o atual município de Juazeirinho tem suas raízes fincadas em parte de sesmarias concedidas pela coroa a uma família de portugueses, os Oliveira Ledo²⁵. Família provinda de Porto, Portugal, que teve instalação primeiramente em Recife, onde retoma hábitos trazidos de sua terra natal, a pecuária, construindo a partir daí uma descendência numerosa que acaba por tomar posse de diversas localidades da Paraíba.

Um de seus membros, Teodósio de Oliveira Ledo, se destaca pela condução brutal de avanços e combates contra povos originários, com eles contando para construção de uma estrada importante que cortaria do que seria a atual João Pessoa – PB até o Crato – CE, no século XVII. Tal estrada seria a “estrada vicinal” mencionada na estrofe do cordel citado anteriormente. A família Oliveira Ledo também se destaca por estabelecer outros membros

²³ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Cidades. Brasil/ Paraíba/ Juazeirinho. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/juazeirinho/panorama>. Acesso: 16 set. 2020.

²⁴ SANTOS, 2015, p. 6.

²⁵ RIETVELD, Padre João Jorge. *Histórias esquecidas do Catolicismo Caririzeiro*. 1. ed. Campina Grande - PB: Maxgraf- Gráfica e Editora, 2014. 132 p.

como figuras importantes para o desenvolvimento de algumas cidades na região, se fazendo presente até mesmo no nome de uma destas, como é o caso de Olivedos – PB²⁶.

Juazeirinho então, pertenceria à uma porção de terras equivalente às atuais cidades de Soledade, Juazeirinho, Olivedos e região próxima, fazendo assim com que tais municípios tenham semelhanças entre si, por terem sua posse atribuída a Ana de Oliveira Ledo, em documento que alega sua moradia já estabelecida na localidade, no ano de 1753, em uma fazenda com criação de gado chamada de “Fazenda Joazeiro”, posteriormente vindo a ser conhecida como “Fazenda Ana de Oliveira”²⁷.

Figura 1: Ilustração do Estado da Paraíba, atuais delimitações dos municípios de Juazeirinho e Soledade.



Fonte: Ilustração produzida por Millena Neres Vieira.

A disposição da Fazenda, beneficiada pela extensa estrada, quase dois séculos depois, sob posse do senhor Henrique Ferreira Barros – território pertencendo agora à Soledade já enquanto município, representada na ilustração acima, circunvizinha ao município de Juazeirinho –, se faz importante por estar quase que exatamente na metade do percurso entre Patos e Campina Grande. Aliada a outras propriedades de outros colonos com suas criações e artigos diversos, são estabelecidas práticas de comércio improvisadas, oferecendo também um ponto de estadia e reabastecimento de animais de carga. Assim, quando o produzido em escala local passa a tomar maiores proporções, vindo a ser comercializado em feiras livres na região,

²⁶ “A família Oliveira Ledo é eternizada em nossa região pelo nome do município de Olivedos, contração dos nomes Oliveira e Ledo. Constatamos a sua presença nas origens de muitas cidades da região. Teodósio fundou Pombal (1695) e Campina Grande (1697). Antônio fundou Boqueirão (1670) e Santa Rosa de Boa Vista (1665). Ana fundou Gurjão-Timbaúba (1733). Pascasio fundou Cabaceiras (1682), Queimadas (1712) e, provavelmente, São José dos Cordeiros (RIETVELD, 2009, p. 60)”.

²⁷ MELO et al., 1983.

já “tratando à dinheiro”, é nutrida entre os moradores locais a iniciativa de uma feira livre ali mesmo, evento que marca a fundação do distrito Joazeiro, presente no “*Livro de Juazeirinho*”:

José Felismino da Costa Nogueira era proprietário da fazenda Aroeiras, onde comercializava gêneros de primeira necessidade e produtos farmacêuticos e Henrique de Barros era proprietário de grande parte das terras onde hoje está situado o centro urbano. Os dois idealizaram uma feira na propriedade de Henrique que além de dispor de água, era cortada pela estrada usada pelos que vinham do Sertão para Campina Grande. Incorporaram-se a essa iniciativa, outros colonos: José Batista de Azevedo, proprietário da fazenda Boa Ventura; Pedro Ferreira de Barros, agricultor; Manuel Vital Filho, comerciante ambulante. Avelino José, pedreiro e carpinteiro, construtor da maior parte das casas então existentes; João Cunha Moreno, também fazendeiro. Não só ficaram no plano das ideias. Fizeram um requerimento ao coronel Claudino Alves da Nóbrega, então Prefeito de Soledade que autorizou a feira, sendo escolhido o dia de terça-feira, por ser a de Soledades, às segundas-feiras. No dia 4 de novembro de 1913, realizou-se a primeira feira que prosperou rapidamente Joazeiro passou a ser ponto de parada obrigatória, transformando-se num importante entreposto de comércio, onde despontavam as transações de gado, algodão e gêneros alimentícios²⁸.

Tal feira, que serviu de marco para fundação do inicialmente distrito, em 1913, permanece acontecendo às terças-feiras, onde atualmente se configura como o centro da cidade, desenvolvida a partir das terras do senhor Henrique Ferreira Barros e José Felismino da Costa Nóbrega, que juntamente a outros cinco donos de terras, são reconhecidos como fundadores da cidade e têm membros de suas famílias ainda presentes e influentes no município. Quanto ao desenvolvimento do feito destes fundadores, podemos analisar a partir da mesma obra, que decretos de Lei modificaram não apenas a sede do município de Soledade para o distrito de Joazeiro (1938), como também o nome desse distrito – que deixa de se chamar Joazeiro para se tornar Juazeirinho –, quando a sede retorna para Soledade (1945). Consolidando sua Emancipação Política somente no ano de 1957, com uma cidade já estruturada, ainda desmembrando de Soledade o distrito de Tenório:

Nas divisões administrativas do Brasil em 1936 e 1937, Joazeiro, figura como Distrito de Soledade. Em 1938, pelo Decreto Lei Estadual nº 1.164, de 15 de janeiro, a sede do município de Soledade foi transferida para Joazeiro (topônimo primitivo), assim permanecendo até 1945, quando o Decreto Estadual nº 520, de 31 de dezembro faz voltar a Soledade, a sede municipal. O mesmo decreto, muda o nome de Joazeiro para Juazeirinho. [...] Não pararam então os esforços no sentido de se conseguir a emancipação política que foi alcançada através da Lei nº. 1.747, de 25 de julho de 1957, ocorrendo sua instalação oficial a 27 de outubro do mesmo ano, desmembrando de Soledade e integrado por dois distritos, o da sede e o de Tenório²⁹.

A partir da Emancipação, a cidade que se ergue a partir de colonos fazendeiros, onde dois destes são irmãos (Henrique Ferreira Barros e Pedro Ferreira de Barros), famílias ganham

²⁸ Ibidem, 1983, p. 32.

²⁹ Ibidem, 1983, p. 35.

destaque em esferas públicas e privadas. No enredo político, extenso, confuso e que é necessário frisarmos, duas famílias se consolidam enquanto rivais nas disputas eleitorais. Em 1958, ano em que ocorre a primeira eleição municipal de Juazeirinho, adentram à disputa o senhor Severino Marinheiro (vitorioso), já tendo atuado como prefeito em Soledade - PB (1953-1957)³⁰, e Genival Matias, bem mais jovem e prestes a se tornar bacharel em direito (1959)³¹.

Quase como Caim e Abel, Marinheiros³² (com sua prosperidade no local à base de algodão e empréstimos a outros produtores locais) e Matias (com fazenda próspera e sua pecuária, investindo no filho que passaria a se chamar “Doutô Genival”), polarizaram a política do município e alimentaram o clima de disputa à altura de verdadeiros coronéis. Disputa que trazemos a seguir:

Interessante frisar as tensões políticas locais que permeavam o município de Juazeirinho. Apesar de a política local ser formada historicamente por duas famílias; Marinheiro e Matias, que estavam em constante disputa pelo poder político local, D. Zefita era valorizada por ambas e procurada também pelas duas famílias para educar seus filhos. Apesar de aprendermos que ela parecia ter uma relação mais amistosa com a família Marinheiro, sua importância era exaltada pelos dois grupos políticos locais. Tais tensões eram percebidas também nas festividades que se organizavam na cidade, como a festa carnavalesca na década de 1950. Existiam dois blocos, cada qual representando uma família. O satanás do frevo que representava a família Matias e Os bobos da folia, que simbolizava a família Marinheiro. Incumbe destacar que a família Marinheiro sempre saía vitoriosa nessas disputas políticas³³.

A partir da citação trazida acima, verificamos quão dividida se põe a população de Juazeirinho, não se fazendo assim apenas no âmbito político restrito a períodos eleitorais. Adilson Filho³⁴ disserta sobre cenários que se dão em sua cidade natal, acerca de uma ideologia que se dá de maneira generalizante, onde apenas alguns poucos personagens podem ocupar caminhos e espaços compreendidos para a figura do político. A necessidade de um questionamento da fixação de tal ideia para a ruptura desta, se dá para que não mais se restrinja

³⁰ LIMA NETO, Antônio Batista de. Homenagem ao Patriarca da Família Marinheiro Severino Paschoal de Oliveira (Severino Marinheiro). In: Juá Secom. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 11 jan. 2014. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2014/01/11/homenagem-ao-patriarca-da-familia-marinheiro-severino-paschoal-de-oliveira-severino-marinheiro/>. Acesso em: 17 set. 2020.

³¹ “A maior difusão do ensino superior no Brasil, espalhou por toda parte médicos e advogados, cuja ilustração relativa, se reunida a qualidades de comando e dedicação. Os habilita à chefia. Mas esses mesmos doutores, ou são parentes, os afins, ou aliados políticos dos “coronéis” (LEAL, 2012, p. 44-45)”.

³² “Então Joaquim Marinheiro colocou uma bolandeira no incipiente povoado e comprava algodão dos plantadores. O nome “marinheiro” pode significar segundo o dicionário Houaiss: “indivíduo natural de Portugal”. A família mantém que este Joaquim, avô do Prefeito Severino, veio de Portugal e que seu nome era Joaquim Pascoal. O nome Marinheiro foi um apelido dado a ele e “colou” (RIETVELD, 2016, p. 190)”.

³³ COSTA, K. T, 2012, p. 86.

³⁴ ADILSON FILHO, José. *A cidade atravessada: velhos e novos cenários da política belojoardinese*. Orientador: Durval Muniz de Albuquerque Junior. 2002. 135 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

o político para elites A, B e talvez até mesmo C e as demais demandas sociais para outras denominações também fechadas a modelos distintos. A permanência de tal ideia, acaba por justificar a manutenção do poder local aos maiores interessados e também maiores beneficiados: a elite local.

É curioso observar a partir de tal análise cidadina a maneira como o fato de Dona Zefita, uma das educadoras pioneiras no município, ser requisitada por ambas as famílias, a torna importante diante da sociedade local. Mesmo colocada como sendo mais afeiçãoada a uma das famílias, se torna apoiadora das tramas do cenário pintado com o embate político entre estas. O que se tem é ainda segundo Adilson Filho, a colaboração para com o modelo de poder “através de sua afeição e de sua admiração”³⁵.

Prosseguindo ainda sobre o trazido por Costa (2012)³⁶, nos deparamos com uma divisão da sociedade local, durante manifestações culturais, onde destacamos os nomes dos blocos carnavalescos que representam cada uma das famílias que disputam o poder político. Sendo o “Satanás do Frevo” ligado a Família Matias, temos curiosamente, por origem da palavra Satanás, do hebraico, como sendo o inimigo, o adversário. Marinheiros ligados pelo “Os bobos da folia”, remetemos à discussão para a figura do bobo da corte, com sua aparência disforme e encarregado da diversão de príncipes e demais nobres.

Dentre o embate político e festivo, os bobos são quem saem com a vitória diante das disputas travadas contra seus “inimigos e adversários”. Nesse embate travado por famílias poderosas, se faz interessante mencionar que a Paraíba, em 2018, seria “o estado que possui o maior número proporcional de parlamentares eleitos com laços familiares”³⁷. Tendo mencionado anteriormente as proporções alcançadas pelos Oliveira Ledo no desenvolvimento do interior paraibano, percebemos que tal fenômeno se enraíza ao decorrer de todo o Estado. Pois em Juazeirinho, desde sua emancipação política, dentre membros da família Marinheiro e aliados, identificamos no poder executivo, onze mandatos consecutivos³⁸. Onde pelo menos cinco destes têm laços familiares, tendo dois deles ocupado o cargo por duas vezes, compondo assim 49 anos no poder.

³⁵ ADILSON FILHO, 2002, p. 34.

³⁶ COSTA, Kiara Tatianny Santos da. *Entre casas e instituições escolares: A educação de Juazeirinho - PB nas vozes de educadoras pioneiras (1950-1973)*. Orientador: Wojciech Andrzej Kulesza. 2012. 136 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2012.

³⁷ SCHWARCZ, 2019, p. 83.

³⁸ Severino Marinheiro (1959-1962); Inácio de Farias Gurjão (1963); Pedro Pascoal de Oliveira (1969-1972 e 1989-1992); Januário Cordeiro de Azevedo (1973-1977 e 1983-1988); Francisco Antônio da Nóbrega (1978-1982 e 1993-1996); Maria Elisabeth C. Pascoal (1997-2000); Frederico Antônio Raulino de Oliveira (2001-2004 e 2005-2008).

Além destas duas famílias citadas até o momento, outras mais com seus representantes, merecem destaque com seus sobrenomes carimbados quando o assunto é a Câmara de Vereadores. Tendo membros da família Marinheiro se revezando entre si nos poderes executivo e legislativo, pelo menos dezessete vereadores com sobrenomes pertencendo ao “clã” dos Marinheiros, aparecem ao decorrer da política juazeirinhense; quanto aos Matias, eles têm seu sobrenome aparecendo oito vezes, sendo quatro delas por um mesmo representante. Quanto às demais famílias e representantes temos, Castor Garcia e Agripino Matias, atuando ambos por quatro mandatos, Fernando Cadete por três mandatos; Emília de Maria Nery Andrade e Martins Junior Nery Fernando, sendo tia e sobrinho, ambos atuando duas vezes. Mas Admilson Gonçalves é o nome mais repetido ao decorrer dos anos, ao ser eleito enquanto vereador por cinco vezes, atuando como suplente mais uma vez e ainda conseguindo que seu filho, Railson Gonçalves Santos, viesse a ser eleito em 2016.

Apesar dos números elevados, é Frederico Antônio R. de Oliveira, conhecido popularmente como “Dr. Fred Marinheiro”, quem recebe maior destaque em todo o embate, pois ao ser eleito em 1996 para seu segundo mandato como vereador, estabelece para si, com 701 votos, o título de vereador mais votado da história municipal³⁹. Sendo também responsável pela primeira, porém breve, aliança entre Marinheiros e Matias, ao ganhar como prefeito na eleição de 2000, tendo por vice Genival Matias. Assim, derrotando a até então prefeita, mulher de seu tio Francisco Antônio da Nóbrega, “Dra. Beth”.

Mesmo diante da união podendo ser vista como “traição à família”, “Dr. Fred” é reeleito em 2004. Contudo, em 2008 a contínua vitória da família Marinheiro como representante do poder executivo local, é interrompida por Bevilacqua Matias, filho de Genival Matias. Que não tem êxito ao tentar uma reeleição em 2012, curiosamente sendo derrotado por um acordo de última hora feito por Dr. Fred, sendo então representado por sua mulher Carleusa Marques⁴⁰. Com Bevilacqua voltando a ganhar novamente em 2016, ao lado de sua sobrinha Anna Virginia. Uma trama que apesar de tantos anos com “Marinheiros” no poder, em uma confusa alternância de nomes, acaba colocando a cidade em estaca zero quando a política municipal se apresenta aparentemente como palco de revanchismos e interesses privados, onde Matias e Marinheiros continuam disputando o melhor lugar à sombra do pé de Juazeiro.

³⁹ No ano de 2016, o vereador eleito com maior aprovação popular, Deda do Mendonça, obteve 582 votos. Ver: BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Candidatos a Vereador de JUAZEIRINHO - PB. In: GAZETA DO POVO: Eleições 2016. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/apuracao/resultados-eleicoes-2016-primeiro-turno/juazeirinho-pb/vereador/>. Acesso em: 18 set. 2020.

⁴⁰ Dr. Fred foi impedido de concorrer às eleições pela Lei Ficha Limpa. Carleusa é filha do político paraibano Carlos Dunga.

2.2 De João a João

Ao analisar as obras de um padre estrangeiro sobre uma cidade pequena no interior paraibano, se faz importante e até mesmo indispensável a busca pelo que veio antes, de preferência, a partir de nativos que tenham escrito ou arquivado documentos sobre o desenvolvimento do lugar. No Brasil, por exemplo, tivemos de cronistas a historiadores que registraram desde fauna e flora, passando por uma busca por raízes⁴¹, até mais recentemente, quando são questionadas a que se deve ao fato de expressões autoritárias e conservadoras⁴² estarem ganhando força no país. Afinal, estes são fenômenos recentes ou que vêm sendo alimentados através das raízes e do tempo, vindo a apenas ganhar um portador que os legitime? Indo mais além, quais caminhos foram traçados até a realização do trabalho de Padre João, que traz consigo impressões individuais, assim como filtros e demais marcas?

Ao sermos postos diante do título de “o primeiro historiador de Juazeirinho”⁴³ referente ao senhor João Vital Guedes, por Padre João Jorge que, por sua vez, é considerado por Vanderley de Brito como “um homem que nasceu com desígnio de historiador”⁴⁴, enxergamos uma linha de três nós, onde temos sua composição dada pelo que podemos considerar por um cronista, um pesquisador diletante⁴⁵ e um historiador de formação. Dessa forma, principalmente entre os dois primeiros, têm-se uma interessante amarra dos fios que, uma vez ligados, servem de condutores para conexões de uma história, uma narrativa possível sobre a história local de Juazeirinho. Conexões que por inúmeros motivos foram silenciadas ou apenas não receberam a atenção devida, mas que não perdem sua importância mesmo que se faça necessário novos nós e conexões para chegar a novos ligamentos, outras conduções. Partimos então para uma busca do que se encontra entre os nós que ligam um João a outro e o que se faz presente para um entroncamento que nos dê sustentação para este trabalho.

João Vital Guedes, nasceu em 28 de dezembro de 1918, no Sítio Aroeira, propriedade localizada no recém fundado, distrito Joazeiro. Filho de um dos fundadores, Manuel Vital Filho, e de Idalina Carolina Guedes, desempenhou muitas atividades ao longo de sua vida:

⁴¹ Inspiração para parte do título deste capítulo que corresponde ao proposto no primeiro tópico deste trabalho ao contextualizar o leitor sobre como se constitui o desenvolvimento da atual cidade de Juazeirinho. Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.

⁴² SCHWARCZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁴³ RIETVELD, 2009, p. 186.

⁴⁴ BRITO, V. Prefácio: à sombra do juazeiro. In: RIETVELD, Padre João Jorge. *O Verde do Juazeiro: história da paróquia de São José de Juazeirinho*. 1. ed. João Pessoa: Imprell Gráfica e Editora, 2009.

⁴⁵ ADILSON FILHO, 2019.

[...] dentre os mais importantes a “Photo Vital”, a “Farmácia São João”, o “Bar e Fruteira João Vital Guedes” e o posto de gasolina, vinculada a “Shell Max Company”. Foi condutor de ônibus na linha Crato-Recife (1939-1942) e exerceu as funções de adjunto de promotor de justiça, oficial de justiça, funcionário do departamento de estrada de ferro e agricultor no sítio Aroeiras desde 1964. Homem com grande presença na vida social de Juazeirinho sendo organizador dos carnavais, ajudante das festas de São José e de São João, organizador de jogos de vôlei e futebol, e primeiro a interessar-se pela história de Juazeirinho, fundando o museu cultural Manoel Vital⁴⁶.

Em um caderno de retalhos, colagens e artigos de jornais sobre Juazeirinho, organizado manualmente por Antônio Batista de Lima Neto – ex-vereador no município, popularmente conhecido como “Toca do Amém” e considerado idealizador da única rádio do município –, sem datação, encontramos cópias de atas feitas por comitivas organizadoras de festividades referentes a aniversários de fundação de Juazeirinho e eventos civis; retalhos de matérias de jornais que citam material; informação fornecida, ou propriamente textos de autoria do Senhor João Vital Guedes; cópias sobre a realização de torneios esportivos; cópia de uma cartela de um bingo realizado na festa do cinquentenário da cidade; cartas convite e outros que citam o Senhor João Vital como organizador de eventos culturais; assim como a imagem a seguir retirada do caderno em questão, onde se percebe também um equívoco ao mencionar 60 anos de emancipação política e não 60 anos de fundação do município.

Figura 2: Matéria sobre os 60 anos de fundação do município.



Fonte: Arquivo pessoal de A. B. de Lima Neto

⁴⁶ RIETVELD, 2009, pp. 273-274

No caderno existem também notas feitas por Lima Neto, em letras cursivas, onde este acrescenta comentários, catalogação de dados e maiores informações sobre suas colagens. Em uma delas, localizada ao lado de um recorte de jornal de fonte desconhecida, referente aos 94 anos de fundação de Juazeirinho (2007), o organizador expõe a gratidão nutrida ao Senhor João Vital quando escreve: “Agradeço, ao Srº João Vital Guedes, pela ideia de continuar registrando os acontecimentos históricos de nossa cidade, inclusive emprestando o seu diário, para que tirasse cópias, para registros futuros”⁴⁷. Assim, sabendo que o senhor João Vital Guedes vem a falecer em 27 de junho de 1999, os registros contidos no caderno e o contato de Lima Neto com materiais fornecidos por João V. Guedes, possivelmente tiveram início há mais de 21 anos.

Isso se dá pela percepção de mais materiais de autoria de Lima Neto, onde também enfatiza a importância de João V. Guedes, através do portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho, enquanto estava como secretário de cultura e comunicação social e a demonstração das vontades de João Vital acerca da preservação cultural e histórica da cidade. Em 27 de dezembro de 2013, em homenagem aos 95 anos que João Vital Guedes estaria completando se estivesse vivo, Lima Neto escreve:

Me impressionava sua disponibilidade física e emocional para tratar sobre qualquer questão que envolvesse os interesses de Juazeirinho. Além disso, sempre se apresentou como um conselheiro e amigo das gerações mais novas, pois preocupava-se com a manutenção e preservação da história e cultura local. Desde pequeno eu acompanhava o trabalho do Sr. João Vital, foram inúmeras realizações, mas uma das suas maiores contribuições foi a idealização do MUSEU CULTURAL MANOEL VITAL FILHO. Um museu feito de Juazeirinho para Juazeirinho e para a Paraíba. Assim como a nossa geração, as gerações vindouras hão de lembrar e agradecer emocionadas os frutos sazonados que colherão da semente regada pelo vosso suor, adubada pelo sacrifício de vosso viver e agruras de vossa família⁴⁸.

Enquanto vereador, “Toca” também buscou enfatizar e exaltar a atuação cultural de João Vital Guedes, quando leva à Câmara Municipal, três requerimentos em que tratam por ordem cronológica, sobre o reconhecimento da utilidade pública do Museu Cultural Manoel Vital; uma moção de aplausos *in memoriam* do Senhor João Vital Guedes por seu ativismo cultural; homenagem ao centenário do Senhor João Vital Guedes e solicitação de elaboração de um programa especial para tal, onde deveria ser reativado o “prêmio cultural João Vital Guedes” e

⁴⁷ LIMA NETO, Antônio Batista de. HISTÓRIA DA CIDADE DE JUAZEIRINHO – PB 1913.

⁴⁸ LIMA NETO, Antônio Batista de. 95 Anos de um Ilustre filho, Juazeirinho celebra vida e obra de João Vital Guedes. *In*: Juá Secom. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 11 jan. 2014. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2013/12/27/95-anos-de-um-ilustre-filho-juazeirinho-celebra-vida-e-obra-de-joao-vital-guedes/>. Acesso em: 17 set. 2020.

apoio ao dito como tradicional “carnaval de rua 100 Vital”, com orquestra e atuação durante os quatro dias de carnaval⁴⁹.

A seguir temos a imagem recuperada por digitalização de um convite para festejos carnavalescos no ano de 1956, onde o Senhor João Vital novamente surge como organizador de eventos:

Figura 3: Convite para festejos carnavalescos em Juazeirinho – PB, 1956.



Fonte: Arquivo fotográfico pessoal do Pr. Fabiano Fernandes

Quanto a uma referência mais precisa de registros feitos pelo Senhor João Vital, consta nas referências bibliográficas da obra *O Verde do Juazeiro: história da paróquia de São José de Juazeirinho*, uma obra de nome *Tópicos sobre o início da fazenda Juazeiro estado da Paraíba de 1907 a 1990* e a referência de uma “*Carta ao jornal Diário da Borborema*”, datada em 1975. O Museu fundado pelo Senhor João Vital Guedes se encontra fechado nos dias atuais. Sua esposa, a senhora Zilda Matias de Oliveira, reside quase em frente ao prédio onde este funcionava, ambos localizados às margens da BR-230. Acreditamos que os registros escritos, objetos do Museu e demais itens que tenham pertencido ou foram doados ao Senhor João Vital, sobre sua vida e eventos da história de Juazeirinho, estejam em posse de sua viúva e filhos. Uma vez que, seu filho Sonildo Vital é tido como administrador do museu e colaborador nas pesquisas feitas por Padre João⁵⁰ e Sonaldo Vital, em entrevista ao jornal *A União* em 2014,

⁴⁹ Ver requerimentos municipais nº 12 e nº 140 do ano de 2017 e requerimento nº 41 do ano de 2018. Disponíveis no acervo do arquivo digital da Câmara Municipal de Juazeirinho.

⁵⁰ RIETVELD, 2009, p. 13.

declara que pretende lançar um livro intitulado *Pedaços da história de Juazeirinho*⁵¹ – contudo, não encontramos indícios de que tal obra tenha sido lançada até os dias atuais. Em Costa (2012), encontramos menção a arquivos pessoais cedidos por Sonaldo Vital, onde é declarada a ele, “posse de grande parte do acervo de seu pai que era também do museu”⁵².

Se tratando do chamado *Livro do Município de Juazeirinho*⁵³, com realização a partir do MOBREAL, constando como colaboradores de uma redação preliminar, podemos encontrar pessoas influentes na cidade de Juazeirinho. Dentre elas o nome de João Vital Guedes está presente, destacamos também o nome de Leomarques F. da Silva (1949-1986). Filho de Josefa Heleno da Silva (Dona Zefita), uma das professoras pioneiras da cidade, Leomarques se destaca tendo atuado como professor, vereador e outras atividades culturais, principalmente, o cargo de fundador e editor de um jornal local de nome *Gazeta do Cariri* (1983-1985)⁵⁴.

Prosseguindo na busca, agora por historiadores que possuam o título de graduação em história através de instituições de ensino de nível superior. Até 2002, ano em que o Padre João Jorge chega à cidade, devido a dificuldade em encontrar dados já antigos para serem disponibilizados em arquivos virtuais, ou termos acesso a partir de seus autores, encontramos apenas duas mulheres que obtiveram título de graduação em História, nos anos 1979 (Faculdades Integradas de Patos) e 1993 (UEPB). Mas quanto a suas pesquisas de conclusão de curso, apenas tivemos conhecimento sobre a de Marinalva de Sousa Araújo (1979), não levando a considerá-la uma pesquisa que contemple questões de uma história local⁵⁵.

Entre os anos de 2002 a 2014, período em que Padre João Jorge atua como administrador paroquial, onze historiadores são identificados, sendo cinco destes graduados através da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) e seis, através da UEPB. Na busca por pesquisas que contemplem Juazeirinho e algum aspecto sobre a cidade, a partir de nosso conhecimento, apenas cinco pesquisas correspondem. Sendo elas as dos seguintes autores/as: Naara Selomith de Assis Batista, com a pesquisa, *Ao som da história: arte e juventude através da banda de música São José de Juazeirinho – PB (1950-1970)* – UVA 2009; José Júnior Romão com a pesquisa, *A chegada do trem em Juazeirinho: uma história contada sobre trilhos*

⁵¹ GOUVEIA, Hilton. *Colecionador de raridades: Delegado aposentado vai lançar livro que conta histórias registradas em Juazeirinho*. A UNIÃO, João Pessoa, ano 121, 9 mar. 2014. Almanaque, p. 21. Disponível em: https://issuu.com/auniao/docs/jornal_em_pdf_09-03-14. Acesso em: 15 set. 2020.

⁵² COSTA, K. T., 2012, p. 117.

⁵³ MELO et al., 1983, n.p.

⁵⁴ SILVA, Josenildo Marques da. *Um novo pai dos pobres: Representação do governo Wilson Braga no Jornal Gazeta do Cariri*. Orientador: Martha Lúcia Ribeiro Araújo. 2011. 75 p. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2011.

⁵⁵ RIETVELD; HENRIQUE, 2013.

– UVA 2010; Elânia Nunes de Oliveira, com a pesquisa, *A pedra bonita: patrimônio arqueológico de Juazeirinho – PB e o ensino de história* – UVA 2012; Josenildo Marques da Silva, com a pesquisa, *Um novo pai dos pobres? Representação do governo Wilson Braga no Jornal Gazeta do Cariri* – UEPB 2012⁵⁶; Damiana Miguel dos Santos, com a pesquisa, *História e memória de professoras de Juazeirinho – PB: contribuições para a história da educação*⁵⁷.

Padre João Jorge Rietveld, nosso “último João”, vem a publicar três obras sobre histórias do desenvolvimento da paróquia de Juazeirinho e figuras influentes – a paróquia abrange também as cidades de Santo André e Tenório – PB –, datadas nos anos de 2006, 2009, 2013⁵⁸. Das cinco produções locais que mencionamos anteriormente, encontramos nos trabalhos de José Júnior Romão, Elânia Nunes de Oliveira, Josenildo Marques da Silva e Damiana Miguel dos Santos a utilização da obra publicada em 2009, como referência. O que já indica a importância que tais obras do pároco desempenham sob produções posteriores, nos levando assim a uma contextualização sobre a vida do “padi João”.

2.3 Geldrop, Holanda – 1953

Levando em consideração o título deste trabalho e algumas informações já contidas no seu desenvolvimento até aqui, não é surpresa que Padre João Jorge tenha origem holandesa. Mas convenhamos que não é todo dia que um holandês vem parar no interior paraibano e durante o período em que se faz pároco, venha a produzir obras resultado de suas pesquisas locais. O que se faz necessário entender é o percurso por ele feito até chegar a Juazeirinho e quais motivações o conduziram até a escrita e publicação de seus resultados.

Nascido em Geldrop, Holanda, em 10 de setembro de 1953, filho de Estella Isabella Estefanie Calon e Jan Joost Rietveld, o pároco que, no nordeste do Brasil facilmente e simplesmente seria reconhecido como “Padi João”, é Jan Joris Rietveld, o filho mais velho de oito irmãos. Sendo considerado como um “missionário centopeia”⁵⁹, sua vida se dá em muitos lugares e se faz envolta na conciliação de muitos ofícios.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Ver: SANTOS, Damiana Miguel dos. *História e memória de professoras de Juazeirinho – PB: contribuições para a história da educação*. Orientador: Patrícia Cristina de Aragão Araújo. 2014. 32 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

⁵⁸ O Santeiro de Tenório (1982-1975), 2006; O verde do Juazeiro: História da paróquia de São José de Juazeirinho, 2009; Um Juazeiro que Floresce: Trezentos e Quarenta e Sete Acadêmicos de Juazeirinho (1913-2013), 2013.

⁵⁹ BOESTEN, 2011, p. 5 (tradução nossa).

Figura 4: Padre João Jorge Rietveld.



Fonte: Diocese de Campina Grande, 2014

Fruto de uma família católica e abastada, Jan Joris nutriu a vontade de ingressar pelos caminhos do seminário desde muito novo, mas os planos foram momentaneamente frustrados devido a contrariedade de seu pai. Desse modo, Jan Joris se dedica a segunda coisa que mais o agrada e segue para a formação em agronomia, se tornando bacharel. Logo depois parte para a Etiópia (1975-1976), onde desempenha, através da Igreja Católica, um projeto com nativos sem terras. “Esta circunstância foi determinante para que João pudesse integrar seus dois grandes sonhos: a agronomia e Igreja”⁶⁰.

Contudo, atendendo mais uma vez a um pedido de seu pai, Rietveld retorna à Holanda e se forma mestre em agronomia (1979), tenta regressar a Etiópia logo após, mas é impedido por uma política de proibição a ingresso de estrangeiros no período⁶¹. Sua primeira estadia no Brasil foi no Amazonas (1982) e na região nordeste em Sergipe (1983), retornando mais uma vez para a Holanda e dessa vez para concluir mestrado em Teologia missionária na Universidade de Heerlen-Nijmegen (1979-1986). Seu retorno ao Brasil se dá em 30 de janeiro de 1986, compondo uma equipe missionária de padres redentoristas holandeses, dessa vez em Monteiro, Paraíba. Local onde é ordenado padre secular, em fins do ano de 1987.

⁶⁰ MOTA, 2013.

⁶¹ Ibidem.

Segundo Catoira e Azevedo Netto⁶², Padre João tem contato com sítios arqueológicos e pinturas rupestres em Monteiro, onde atuou como cooperador em 1988 e, posterior a esta, se tornou vigário da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro de 1989 a 2002 – o local fica a cerca de 36Km de Monteiro. É já em sua primeira paróquia onde, segundo Mota, ele se apaixonou e torna-se “paixão dos fiéis”⁶³. Identificamos ainda, datado no ano de 2002, a obra *A herança de Manoel Monteiro: duzentos anos de Igreja católica em Monteiro (1800 – 2000)*, onde Padre João Jorge atua em coautoria com Sandra Valéria da Silva⁶⁴. Assim, de acordo com nossa pesquisa, a obra expressa resultados de pesquisas realizadas por ele, com estrutura semelhante àquela realizada sobre Juazeirinho.

Ainda segundo Catoira e Azevedo Netto, em citação da obra de autoria de Padre João datada no ano de 2015, de título *Aspectos históricos do catolicismo no sul do Cariri Paraibano*, temos relatos sobre a presença de holandeses no cariri paraibano e a de catalogação de sítios arqueológicos. Em entrevista a uma revista de seu país de origem, Padre João, que por eles é colocado como um “missionário centopeia”, é também visto como um pastor que se preocupa com as pessoas por inteiro e por isso busca ajudá-las a compreender quais funções constroem a equação que resulta nas sociedades atuais, com sua cultura e crenças. A construção de uma narrativa assim, se daria através da contextualização histórica de seu ambiente. E, para ele, aparentemente, o que poderia ser visto como um exercício de resgate, busca ou criação de uma possível identidade, tem origem a partir da fundação do ambiente enquanto ainda pequeno vilarejo, com seus primeiros santos e capelas⁶⁵, característica que enfatiza mais uma vez sua narrativa construída a partir do eclesial que surge na interferência cultural e religiosa, perpassa desde os primeiros colonos, se movimentando entre rupturas e permanências até os dias atuais.

Como vimos anteriormente, Padre João tem contato com registros e indícios da presença de holandeses em Monteiro, durante a ocupação da Parahyba, comprovada através de escavações em sítios arqueológicos. Mesmo nos propondo a analisar especificamente a obra publicada por Rietveld em 2009 – mais adiante em nosso trabalho –, se faz necessário citar aqui a forma de estruturar sua narrativa, quando ela não se prende ao que comumente se espera do que seria uma história da cidade de acordo com Pesavento⁶⁶, mas sim de fato, de uma história

⁶² CATOIRA; AZEVEDO NETTO, 2016.

⁶³ MOTA, 2013.

⁶⁴ Ver: RIETVELD, J. J.; SILVA, S. V. *A herança de Manoel Monteiro: duzentos anos de Igreja católica em Monteiro (1800 – 2000)*. João Pessoa: IMPRELL, 2002.

⁶⁵ BOESTEN, 2011, p. 5.

⁶⁶ PESAVENTO, S. J. Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 7-23, 2007.

eclesial. Padre João afirma que seu “interesse pela história eclesial foi despertado no início dos anos 90⁶⁷” ao ter contato com livros de registro antigos, os livros de tomo, em São João do Cariri – PB. Por ele classificados como fundamentais para o estudo da região e genealogia de “primeiras famílias” influentes no desenvolvimento de cidades na região.

Assim, a introdução a uma história eclesial sobre a paróquia, a partir dos povos originários e primeiras famílias a desenvolver vilas e, posteriormente, cidades com base em registros elaborados pela hierarquia eclesiástica, têm explicação. São estes quem irão medir fenômenos e formações de sociedades usando, por exemplo, o contato de Flamengos, “primeiros cronistas”⁶⁸; implicação da presença de jesuítas em uma fazenda de nome Mucuitu, território de Juazeirinho; o registro de oratórios em fazendas que, posteriormente, se tornariam capelas e por isso se constituem a sua volta vilarejos; uma primeira missa; visitas escassas em determinado local, por algum padre de uma diocese que englobava um território gigantesco; batismos; casamentos; óbitos; doações de terras e outras declarações contidas em livros de tomo e demais documentos eclesiais. Sua primeira missão, se tratando de pesquisas históricas, segundo ele, seria a curiosidade por saber a “história da capela de Santa Maria do Fundão, no extremo sul do Cariri. Queria saber o ano de sua fundação⁶⁹”.

Em busca de mais conexões ou motivações para a realização das pesquisas de Padre João, ele nos traz:

É conhecido o prejuízo que as leis pombalinas e a expulsão dos inicianos em 1759 causaram para a educação do Brasil. Os jesuítas até foram extintos alguns anos depois, mas fundados novamente e hoje temos na pessoa do novo Papa Francisco um jesuíta como autoridade suprema da Igreja católica. Este cativante argentino diz com muita ênfase: a educação como instituição deve estar no coração da sociedade. Sendo filho de um pai que durante seis anos estudou num colégio jesuítico, sei que estas palavras têm embasamento⁷⁰.

Contudo, segundo Costa e Costa⁷¹, mesmo com a interrupção da educação jesuítica, a presença religiosa na educação brasileira, se deu partindo de uma visão generalizante, ignorando as particularidades de localidades mais precárias e assim se enraizando ao ponto de ocupar os espaços, se adaptando e coexistindo juntamente com demais concepções pedagógicas posteriores. Essa ruptura de uma educação jesuítica, deveria significar uma “redenção da

⁶⁷ RIETVELD, 2009, p. 107.

⁶⁸ Ibidem, 2009, p.41.

⁶⁹ Ibidem, 2009, p.108.

⁷⁰ RIETVELD; HENRIQUE, 2013, p. 10.

⁷¹ COSTA, Kiara Tatianny Santos da; COSTA, Nayara Tatianna Santos da. "Casas-escola": reflexões sobre discursos políticos e escolarização no interior da Paraíba. IX seminário nacional de estudos e pesquisas: "História, sociedade e educação no Brasil", João Pessoa- PB, p. 1275-1293, 2012.

nação” pela educação, sendo a forma de erradicar os “erros pré-republicanos”. Mas para isso, deveria romper com estruturas patriarcais e ruralistas, implantando uma educação “moderna”, mais uma vez ignorando as particularidades de locais mais isolados. Assim, a realidade construída foi e ainda é uma educação coexistente entre tendências antigas e novas, com profissionais da educação ainda sendo apadrinhados por políticos locais, com intuito de efetuar a manutenção do discurso e popularidade de gestões que de alguma forma se apoiam na forte religiosidade local e em novas-antigas políticas patriarcais e ruralistas.

Portanto, a partir da tentativa de reunir indícios que possam explicar esse anseio de Padre João por conhecer e registrar informações sobre a cidade, identificamos então o acesso a documentos valiosos da Igreja presentes nas paróquias pelas quais passou; a presença de antepassados conterrâneos seus no local; a forte expressão religiosa que vem a seu modo, desde a origem do local enquanto vila; e a presença de jesuítas nas proximidades nos momentos iniciais do desenvolvimento da região. Desse ponto podemos partir para uma recapitulação da trajetória de Padre João Jorge, que durante toda sua vida esteve muito próximo aos dogmas católicos, tendo aparentemente muito apreço pela figura do pai, além de considerar as opiniões deste sobre si; atribuindo a isso o distanciamento da sua terra natal, pode-se dizer que há uma necessidade de explorar os “novos mundos” nos quais fora desbravar a partir do que se conhece, das verdades que compõem seu eu.

É nesse contato com o novo, pensando-o agora como Padre ordenado – uma figura que exerce um poder que coexiste com a ideia de igualdade entre todos pregada pelo cristianismo –, onde começa o movimento de pensar o novo, o outro, tentando assemelhá-lo a características da composição do eu enquanto indivíduo, instante em que desponta “o deslumbre, depois o estranhamento”⁷². A busca por algo semelhante em um outro que é diverso e repleto de oposições a crenças e verdades que partem de si, ocasionam na ideia do estranhamento a necessidade de aprender para dominar, sobreviver e se adaptar.

Dessa forma, a narrativa que se coloca como sendo sobre a paróquia de Juazeirinho, acaba podendo ser compreendida como sendo sobre a cidade em si – dado o apego ao religioso existente na cidade –, levando também em consideração uma identificação a essa religiosidade por parte de quem a escreve, ou seja, o padre. Tal identificação se constituiria pelos afetos nutridos pelo padre até o momento da escrita, unindo o apego ao religioso, ao sagrado e ao

⁷² RODRIGUES, Erick Matheus Bezerra Mendonça. *Relações inter-humanas e espaços de alteridade negada no novo mundo: os escritos de Colombo e a visão primeira sobre a terra e sobre o outro*. Espacialidades: revista eletrônica dos discentes do mestrado em História da UFRN. Natal – RN, v. 10, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17670>. Acesso em: 06 nov. 2020.

paterno. Ao desejar “devolver a história de um povo” para que este tenha por ela “orgulho e aprendizagem”, parte-se da atuação de conterrâneos seus no local e, assim, fazemos uso da frase atribuída a Freud: “quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo”⁷³. Pois, o ato de conhecer um lugar para amá-lo, como padre João traz logo em sua introdução em Rietveld (2009), poderia significar a busca de si no outro e assim perceber-se pertencente ao local onde se encontra, mesmo este se fazendo diverso em muitos outros aspectos, além de podermos considerar também uma forma de conhecer mais de si, no outro e pelo outro assim experienciando a unidade idealizada na vivência entre cristãos.

⁷³ Mesmo tendo a frase considerada como sendo de autoria de Freud, não existem comprovações documentais para tal crédito.

3 CAPÍTULO II: FLORES, FRUTOS E SEMENTES

3.1 Um bom pastor

“Padre, agrônomo, historiador, escritor, teólogo, professor, idealista e, principalmente amigo. Padre João Jorge é o maior exemplo de abnegação e amor” – Antônio Batista de Lima Neto⁷⁴.

Diante dos numerosos adjetivos atribuídos à figura de Padre João, aqui buscamos tecer sobre qual seria o possível legado deixado por ele, à Paróquia São José de Juazeirinho. Sendo um missionário por formação (por possuir mestrado em Teologia-missionária), dentre todos os adjetivos, destacamos o que implica na pessoa dele como sendo o “maior exemplo de abnegação”, quando este é um adjetivo geralmente associado a figuras religiosas pela recusa de bens materiais e procura de uma vida humilde. Sua persistência na busca pela proximidade à Igreja, posteriormente realizada após sua ordenação, pode ser vista como a recusa de uma vida como agrônomo, sacrificada para viver o sacerdócio em uma região tão oposta e longínqua de sua terra natal.

Ao pensarmos sobre o ato de florescer, este tende a ser muito admirado, encarado como fenômeno de recomeço, desenvolvimento e anunciação de possíveis frutos que estão por vir. Na busca destas flores, continuamos com os adjetivos dirigidos ao Padre que, também é o padre “modelo de excelência de Jesus Cristo, o bom pastor”⁷⁵. Na música de Waldeci Fárias, interpretada por Padre Marcelo Rossi⁷⁶, o bom pastor, Jesus, é responsável por guardar bem suas ovelhas, ciente deste ser seu ofício, estando destinado a doar quantas vidas for preciso para que este se cumpra. Sendo o padre um representante de Cristo, João Jorge Rietveld acumula muitos ofícios – dos quais já citamos alguns –, na busca de cuidar desse seu rebanho, os paroquianos.

Quando chega a Paróquia de São José de Juazeirinho em 2002, esta tem 30 anos de fundação (1964) e quatro padres tendo passado por sua administração. Sendo um destes enquanto “pró-paróquia”, o Padre José Rodrigues, pároco residente na sede da paróquia de Soledade e três párocos na paróquia já estabelecida; Padre Antônio Apolinário (1965-1970); Padre João Batista (1972-1991) e Padre Possiano (1991-2002). A paróquia, que inicialmente

⁷⁴ LIMA NETO, Antônio Batista de. Projeto Memória Viva Padre “João Jorge Rietveld”. In: Juá Secom. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 22 fev. 2014. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2014/02/22/projeto-memoria-viva-padre-joao-jorge-rietveld/>. Acesso em: 30 out. 2020.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ "O bom Pastor: (Oração)". Intérprete: Padre Marcelo Rossi. Compositor: Waldeci Fárias. In: ROSSI, Padre Marcelo. Ágape Musical. Intérprete: Padre Marcelo Rossi. Brasil: Sony Music, 2011. CD-ROM, Faixa 1.

compete aos municípios de Juazeirinho, Santo André, Tenório e parte de Assunção – PB, passa por muitas modificações e na chegada de Padre João é composta apenas por Juazeirinho, Santo André e Tenório⁷⁷.

Sua fundação se dá no momento em que se concretiza uma ditadura militar no Brasil, com a Igreja enfrentando problemas e modificações externas e internas, na tarefa de lidar com mudanças causadas pelo decorrer do segundo Concílio do Vaticano (1962-1965) que implicou principalmente no incentivo de uma Igreja mais “flexível”, mais direcionada a Bíblia e ao fiel. Na política e cenário geral do país, haviam retrocessos quanto aos direitos humanos de fiéis, não-fiéis, cristãos e ateus. Diante de tais modificações também citamos o I e II Encontro de Bispos do Nordeste (1956 e 1959), que acontecem com o intuito de pensar e repensar as demandas da região brasileira, contando com a presença e discurso do Presidente da República no período, Juscelino Kubitschek. Trazendo estas como preocupações, anseios do período mediante economia e demais fatores pertinentes, destacamos entre os quais foram trabalhados, os que trataram de “Serviços sociais e educativos” e “A Igreja em face dos problemas do Nordeste”⁷⁸.

Tais preocupações se estendem perante a estimulação ao desenvolvimento de comunidades urbanas e rurais, pensando na colaboração juntamente com líderes locais, em busca de melhorias na infraestrutura, formação, economia e sanitarismo destas, usando de recursos locais, voltados para “melhoria progressiva nos níveis de vida”⁷⁹. Tal preocupação com as condições de vida dos fiéis, também se faz presente quando o Encontro nos traz que “o *exatamente necessário*, no domínio do bem estar social, se torna uma exigência cristã para salvaguardar a dignidade da pessoa humana, na tarefa de viver”⁸⁰.

É interessante considerarmos tais iniciativas ligadas ao Nordeste, pois Padre Antônio Apolinário, embora só venha assumir a Paróquia em 1965, reside em Juazeirinho desde 1964, como cooperador de Soledade. Dessa forma, com quase uma década após ambos os encontros citados e o fim do segundo Concílio do Vaticano, as medidas já deveriam estar sendo postas em prática principalmente pela baixa quantidade de padres diante do muito a ser feito, dada a fundação de uma paróquia que não iria abranger somente seu município sede. Segundo o exposto no I encontro, o auxílio de leigos para a Igreja não se dava apenas pelo baixo número

⁷⁷ RIETVELD, 2009.

⁷⁸ ROCHA, Dom Jaime Vieira (org.). Sob os signos da Esperança e da responsabilidade social: anais do I e II Encontros dos Bispos do Nordeste (Campina Grande, 1956 | Natal, 1959). Campina Grande: EDUEPB, 2016. 392p.

⁷⁹ Ibidem, 2016, p. 103.

⁸⁰ Ibidem, 2016, pp. 113-114.

de clérigos, mas também pelo papel próprio a ele diante do meio religioso. O necessário para que este desempenhasse bem “sua missão” seria ter acesso à formação ministrada por seus dirigentes espirituais, os clérigos.

Tal retomada se justifica quando verificamos a afirmação a partir de Rietveld, onde têm-se que a atuação de Padre Antônio Apolinário em Juazeirinho, se faz importante e é lembrada até os dias atuais, por estar ligada direta ou indiretamente aos seus três sucessores. Pois, Padre João Batista fora seu estagiário, Padre Possiano seu aluno e, é Padre Antônio Apolinário quem indica ao Bispo Dom Matais, Padre João Jorge à Paróquia,⁸¹. Com essa ligação entre párocos, todos eles recebem também um título que serviria de certo modo para resumir o legado deixado à paróquia, por cada um destes: Padre Antônio Apolinário seria o Padre do Concílio do Vaticano II; Padre João o da Teologia da Libertação ; Padre Possiano o Padre das Comunidades de Base e ele próprio como o Padre da Religiosidade Popular.

Quando atribuímos a ideia de ter “muitos ofícios” a Padre João, consideramos que ao assumir a paróquia de Juazeirinho que competia, como já mencionamos, a três municípios, ele também assume a paróquia de Pedra Lavrada – PB, somando mais atribuições para si. Como se já não fosse o bastante, é admitido também no seminário diocesano João Maria Vianney, onde permanece até os dias atuais, agora como diretor e professor do Centro de Estudos Acadêmicos.

Para pensar a religiosidade popular, tomamos empréstimo do conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda⁸² que, por sua vez, parte do conceito de tipo ideal⁸³ de Max Weber, quando por nós é entendido como o indivíduo passional, afetivo, irracional. Indivíduo que traz consigo características próprias, como a de não suportar a imposição de hierarquias e daí vem surgindo a necessidade extrema de romper os limites entre o privado e o público, buscando relações íntimas com superiores. Essa aproximação se daria através das trocas de favores, apelidos e etc. Para citar tal rompimento na vivência da religiosidade popular, mencionamos a relação do sertanejo com os santos, quando o Santo Antônio, vez ou outra é posto de cabeça para baixo, dentro de um copo d’água, por não arranjar ao fiel um casamento. Tal comportamento, segundo Holanda, se atribui à colonização por parte dos portugueses e a busca por relações íntimas, rompendo com formalidades e critérios de impessoalidade e

⁸¹ RIETVELD, 2009, p. 239.

⁸² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.

⁸³ O tipo ideal seria a varredura de uma série de elementos, dados e pontos de vista diversos, na busca por uma definição de pensamento parecido, que se refira da melhor forma sobre o objeto de análise de um pesquisador (WEBER, 1999, p. 106). Daí têm-se o “homem cordial” de S. B. de Holanda ao pensar o que faria mais sentido na representação de uma identidade mais realista do que vem a ser o brasileiro.

hierarquia, também sendo estes conceitos que o historiador paulista traz de Weber, ao pensar a burocracia⁸⁴.

Se observarmos a forma como se desenvolve o catolicismo no interior, Cariri, Seridó e Sertão paraibano, temos presente em maior medida o que foi disseminado pela cultura popular através do apego com imagens, visitas a rezadeiras e a oralidade dos tidos por leigos, do que o catolicismo oficial, com missas, sacramentos, leitura da Bíblia e muito dos tantos dogmas da Igreja, disseminado anteriormente somente e exclusivamente por clérigos. Uma pergunta pertinente seria: de que forma Padre João Jorge cativou seus paroquianos para contribuírem com a continuidade e desenvolvimento da Paróquia São José?

Pois bem, com a comunidade bem administrada, contando com animadores ativos, a princípio foram mantidos os projetos que estavam com resultado positivo – já sendo frutos das modificações internas da Igreja Católica. A modificação de sua administração, se encontra no investimento em um maior número de missas, sendo que tais celebrações ocorrem juntamente com as crenças e tradições locais, assim como a atenção prestada a parcela da sociedade que costuma ficar distante do que se tem por Igreja. Exemplos disso são as bênçãos a carros, procissões, missas no cemitério, valorização dos fiéis do campo (expressos na figura do vaqueiro e agricultor, dado o grande número de habitantes da zona rural na região), assim como as missas na cadeia municipal, dentre outras práticas.

Para promover a melhoria e o aumento dos sacramentos realizados, realizou os populares casamentos comunitários; melhor formação para pessoas que desejavam receber o sacramento da Crisma; formação de mais ministros extraordinários da eucaristia para auxiliar em missas, celebrações e visitas domiciliares aos fiéis enfermos. Grupos como Encontro de Casais com Cristo (ECC) e Grupos de Oração Carismática, além de eventos religiosos de jornada de oração, como o “Cercos de Jericó” que se dava durante sete dias e sete noites contínuas. Todos estes tendo grande participação de fiéis na programação em si, como também na divisão de trabalhos na infraestrutura.

Quanto à música, cultura e educação, Padre João acreditava em uma melhoria na música litúrgica paroquial, investindo em cursos gratuitos com duração de seis meses, abertos aos paroquianos, sendo os cursos de violão, teclado e canto; aulas de Balé (2013-2014); em Santo André foi fundada a banda filarmônica Sagrado Coração de Jesus (2012); durante festividades acontecia o prêmio Shalom para talentos locais variados e shows anuais católicos na Matriz;

⁸⁴ Segundo Oliveira... “[...] a burocracia - conforme descrita por Weber - é um tipo de organização que garante a eficiência através dos requisitos da racionalidade, da normatização da hierarquia, da especialização e da impessoalidade (OLIVEIRA, 1970, p. 55)”.

apoio à realização de peças teatrais anuais da Paixão de Cristo; cinco horas semanais na programação da rádio comunitária Juazeiro FM; cursinho oferecido a pré-vestibulandos e bolsas de estudo da Holanda para alguns animadores realizarem cursos superiores e abertura do Salão Paroquial para aulas e ensaios de balé, demais danças e teatro.

Seguindo a preocupação com o social, alimentada durante as administrações de seus sucessores, temos a implantação do projeto *O Bom Samaritano* (2003), onde são recebidas diversas crianças que se encontram em condições precárias. No projeto são desempenhadas atividades educativas e culturais em colaboração com voluntários, assim como fornecimento de refeições e assistência. No outro extremo da vida, os Vicentinos (1980) recebem apoio, dando assistência aos idosos. O combate às drogas se dava na contribuição à comunidade Fazenda do Sol, localizada no Município de Campina Grande e testemunhos de seus internos aos fiéis locais.

Na infraestrutura, as reformas e ampliações na igreja Matriz de Juazeirinho, Tenório e Santo André, além do investimento em melhoria e construção de prédios de apoio para serviços e eventos ligados à paróquia. Setores que organizassem melhor as comunidades em cada uma das cidades foram melhor definidos, novas comunidades pastorais, movimentos e serviços foram criados, assim como mais capelas, comunidades nas zonas urbana e rurais.

Todos estes dados estão certamente documentados nos livros de Tombo da paróquia. Contudo, acabam sendo impostas certas burocracias para se ter acesso a estes, ficando mais ao alcance da administração paroquial, na figura do padre e secretários atuais, se fazendo públicos a partir da obra de Padre João Rietveld (2009). Anteriormente mencionamos como não sendo um fenômeno comum a presença de um pároco holandês no interior paraibano, vindo este a produzir registros históricos sobre o local onde atua ou atuou como padre. Contudo, padres holandeses que tenham desempenhado serviços sociais importantes e mercedores de um estudo, sim.

Mesmo que brevemente, é considerável citar neste trabalho a pesquisa de Michel Galdino do Nascimento⁸⁵, quando este se debruça sobre as figuras de dois irmãos, religiosos missionários holandeses que atuaram na cidade de Arara – PB (1970-1980), desempenhando projetos sociais, culturais, religiosos e educacionais no município. Curiosamente, ambos serviram no continente africano primeiramente e, posteriormente, ao vir ao Brasil se direcionando à Paraíba, tomando a missão de dar prosseguimento do trabalho iniciado por um

⁸⁵ NASCIMENTO, Michel Galdino do. A influência da ação social dos religiosos holandeses no processo de desenvolvimento de Arara-PB (Décadas de 1970 e 1980). Orientador: Iordan Queiroz Gomes. 2018. 67 p. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2018.

antecessor. Neste caso, o Padre Ibiapina (1806-1883), reconhecido por seus feitos em boa parte do nordeste brasileiro por significativas ações e serviços prestados aos mais necessitados por onde passou. É também mencionado por Padre João em sua obra, em seção dedicada às biografias sobre religiosos e leigos que participaram direta ou indiretamente na constituição e desenvolvimento da paróquia de Juazeirinho e região.

Desse modo, pode-se atribuir à paróquia uma construção e desenvolvimento continuado, com base nos avanços e acordos a partir do Concílio citado e demais determinações diocesanas, juntamente com as demais paróquias próximas e padres interligados que, mesmo com “metodologias” diferentes, não rompem claramente ou desviam muito do deixado por seus antecessores. Também percebemos a influência que os religiosos desempenham uns sobre os outros, dadas as suas preocupações e deveres diante do estipulado pela Diocese e Igreja Católica como um todo, que vão de encontro aos anseios e demandas dos fiéis em cada momento do desenvolvimento paroquial.

3.2 O verde do Juazeiro

– Podemos comer as frutas de qualquer árvore, menos da árvore que fica no meio do jardim. Deus nos disse que não devemos comer dessa fruta, nem tocar nela. Se fizermos isso, morreremos⁸⁶.

A árvore e o fruto, considerados como sendo responsáveis pelo conhecimento e diferenciação do bem e do mal, são objetos importantes e iniciais para toda a narrativa bíblica. Sua simbologia, utilizada como elemento de organização do conhecimento na Idade Média e século XVI, passando por evoluções desse conhecimento e do fazer científico⁸⁷, aqui é utilizada como analogia à árvore do Juazeiro e referência ao fato de Padre João ter título de mestre em botânica tropical.

Alguns sendo providos em árvores, os frutos têm importância dada a sua atribuição principalmente como alimento, uso medicinal e proteção de sementes. Neste trabalho então, o fruto seria o resultado da pesquisa desempenhada por Padre João Jorge, obra que, dado seu contexto, protagonismo e proporção, nos trouxe ao desejo de realizar este trabalho. Então, sendo este um projeto – como já dito anteriormente –, que carrega consigo o desejo de “devolver a história de um povo”⁸⁸, devemos analisá-la enquanto estrutura e construção.

⁸⁶ BÍBLIA, 2011, p. 5.

⁸⁷ BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento I: de Gutenberg a Diderot*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

⁸⁸ “Quero devolver a este bom povo a sua própria história para servir-lhe de orgulho e de aprendizagem (RIETVELD, 2009, p. 11)”.

Primeiramente, se faz indispensável citarmos uma reflexão feita por ele, ao se expressar sobre seu interesse por registros eclesiais:

uma fonte indispensável ao historiador, para poder ele fundamentar as suas conclusões e evitar que sua historiografia se limite a um mero copiar de outros autores tidos como autoridades [...]. Muitos dos resultados das minhas pesquisas se baseiam numa leitura atenciosa destes velhos livros. Neles temos uma característica do Cristianismo católico; pelo fato da Igreja ser a instituição mais antiga da região e possuir fontes documentais, ela pode contribuir para clarear mais o nosso passado, tão pouco conhecido e estudado⁸⁹.

Diante disto, nos chama a atenção o que poderia ser entendido como uma “apresentação-convite” ao historiador, perante a identificação da riqueza presente em tais documentações. Além disso, pensamos também tais colocações como passíveis de um passo à frente quando, a partir de sua própria obra, o Padre “valida” estudos que juntamente ou a partir de seu feito, avancem as discussões e resultados obtidos sobre narrativas locais.

Segundo Campos⁹⁰, temos que

A prática do historiador se centraria em transformar um objeto em histórico, em historicizar um elemento, o qual não sendo analisado dentro de um contexto possivelmente ficaria no espaço do não - dito. Através de Certeau vemos que a prática do historiador se assemelha a de um operário. Assim ele declara que o historiador trabalha sobre um material, o que teria como objetivo transformar ele em História. O processo de manuseio do material deve obedecer a regras estabelecidas pela academia, e por último caberia ao historiador realizar o transporte do seu produto do campo cultural para o histórico.

No caminho em que percorre para possibilitar tal feito, novas interpretações e resultados podem e de certo modo devem surgir quanto a crítica de documentos oficiais ou de como concepções pré-existentes foram forjadas. A própria história, em sua escrita, tende a se revisitar e transcender, nunca apenas copiando o já feito. Ainda segundo Campos (2018), historiadores teriam a necessidade de contribuir para com a sociedade quando escrevem, caso seja desejado o reconhecimento de pares na busca pela produção de saber.

Outro elemento que se deve levar em conta seria o fato de o Padre João Jorge ser membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), quando a narrativa da instituição de pesquisa, tem por motivação de fundação a construção de uma “parabaneidade”, uma identidade local que iria divergir das demais, pelo seu povo civilizado e bravo ao resistir a dominação holandesa. Sendo sua resistência tomada como pacífica, ao fazer isso através de

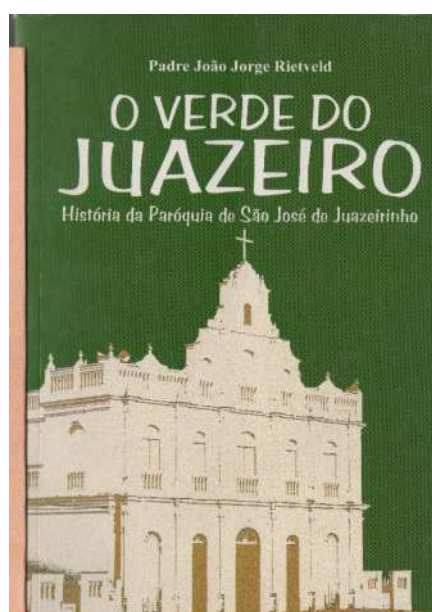
⁸⁹ RIETVELD, 2009, pp. 107-108.

⁹⁰ CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. Entre a Cultura Histórica e a Cultura Historiográfica: implicações, problemas e desafios para a historiografia. Revista do Corpo docente do PPG – História da UFRGS, 2010.

um acordo entre portugueses e os “pacíficos” tabajaras (1585) se afastando das decisões tomadas por Pernambuco⁹¹.

Na luta contra a invasão inimiga se faz necessária a criação de um herói para representar o que definiria o “ser paraibano”, para o Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano (IHGP) têm-se Vidal de Negreiros compondo as características de um herói “cristão, destemido e, acima de tudo, patriótico”. Tal construção que traz a exaltação do lugar, com pessoas bravas fortes, honradas e gloriosas perpassa desde o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), assim como pelo IHGP, até o Hino de Juazeirinho, quando menciona, já em sua primeira e última estrofes, uma história que comprova uma luta pacífica, com gente grandiosa, fruto de uma terra próspera, que orgulha a região, permanecendo pronta para combates futuros⁹². O que buscamos neste trabalho é essa história, ou o que se tem por história local do município a partir do feito por Rietveld.

Figura 5: Capa do livro Rietveld, 2009.



Contando com 362 páginas, *O verde do juazeiro: História da Paróquia de São José de Juazeirinho* (tendo a capa da obra representada na imagem acima), se faz a partir de pesquisas pelo contato com documentos oficiais da Igreja Católica no Cariri, dispondo de material datado em mais de dois séculos, despertadas na curiosidade do autor, a partir do obtido por moradores

⁹¹ Segundo Araújo e Raposo ... “A construção da “identidade paraibana” pelo IHGP é caracterizada pelo caráter pacífico, bravo e republicano de seu povo. É no movimento contra a dominação holandesa (1634-1654) que surgem os primeiros heróis paraibanos (ARAÚJO e RAPOSO, 2017, p. 158)”.

⁹² ARAÚJO, 2003.

mais antigos na região, dados cartoriais e uma bibliografia extensa. Sendo seu único antecessor, o “Livro do Município”, composto por informações contidas em menos de 100 páginas da “história municipal”, é legítima a afirmação de Rietveld quando tem consciência de que há muita “gente boa vivendo no quase anonimato”. Contudo, sua atenção é voltada para um indivíduo de ações enquanto cristão colaborador do desenvolvimento paroquial. A busca pela forma de experimentar a religião e o sagrado, pelos leigos seria seu maior guia em estudos com base nos registros em documentos oficiais da Igreja Católica.

Dividido em cinco capítulos e apêndices com informações singulares, temos por capítulos: *A Bíblia recontada; Os desbravadores: 1650-1750; A primeira Paróquia: 1750-1892; Época da consolidação da Igreja: 1893-1964 e A paróquia de São José de Juazeirinho: 1964-2009*. Etapas não apenas do desenvolvimento da Igreja, mas até mesmo de práticas, permanências e rupturas resultantes de colonizadores, povos originários, clima e oportunidades (ou a falta delas) que vieram por consolidar uma identidade local existente, mas ainda não pensada a partir de concepções metodológicas e conceituais requeridas pela ciência.

Em seu primeiro capítulo, *A bíblia recontada*, parte-se de uma origem deste, onde podemos nos deparar com a presença de concepções darwinistas, demais cientistas, arqueólogos e religiosos dedicados à pesquisa do início da atuação humana no mundo⁹³, de certo modo promovendo uma relação e intermédio entre ciência, misticismo e religião sobre o processo de habitação na região onde atualmente se constitui o território da paróquia. É quando desponta seu ofício como agrônomo, ao mencionar a questão ambiental e climática, assim como disposição de espécies animais e vegetais locais e seu impacto na busca árdua por sobrevivência.

Nas expressões de gravuras e pinturas rupestres, há menção da distinção étnica e de tribos de povos originários, assim como de colonos agindo na modificação cultural, violenta e responsável pela mestiçagem identitária e genética dos primeiros e próximos habitantes. Rietveld, na conclusão do capítulo, traz em seu discurso uma avaliação um pouco preocupante quanto a um relativismo do genocídio de povos originários ao citar algo semelhante a forte presença indígena que sobrevive “apesar da violência” que sofreu. Ainda citando sobre o que alguns consideram como uma “vitória dos Índios sobre os brancos⁹⁴”, justificando então a necessidade de sua busca por estes primeiros habitantes e uma localização das permanências

⁹³ Segundo Rietveld... “A pesquisa da presença remota do homem cabe à arqueologia e paleontologia e não à teologia. Porém na Igreja Católica, sempre apareceram padres com um grande interesse neste campo. Afinal de contas tudo o que pode ajudar a esclarecer mais o mistério do ser humano, esclarece também a sua relação com Deus (RIETVELD, 2009, p. 18)”.

⁹⁴ Ibidem, 2009, p.54.

de sua cultura, que resiste ao denominar sítios com nomes de plantas, animais e étnicos locais, como a própria Juazeirinho, ao contemplar a presença da árvore na região. Por fim, é citada a difusão de uma consciência indígena e o resgate de uma fração do que fora perdido. Contudo, na edição de número dois do livro⁹⁵, lançada sete anos depois, tal conteúdo presente na conclusão é completamente retirado, dando lugar a considerações mais pontuais, resumidas, maduras e cuidadosas.

Em seu segundo capítulo, sobre *os desbravadores*, têm-se quais, quem seriam e de onde vieram os responsáveis pela colonização e abertura da região desde o litoral até o extremo sertão. Para tanto, se utiliza de obras clássicas que retratam tal período como as dos autores Darcy Ribeiro, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Irineu Joffily, João Guimarães Rosa e outros mais. Nesse ponto, temos a atuação do colonizador, concessão de sesmarias, feitos dos jesuítas, o papel do vaqueiro, do tropeiro, o genocídio dos povos originários, o pouco do mencionado sobre escravos, inclusive nos livros de tombo⁹⁶ e desenvolvimento do catolicismo oficial em coexistência ao popular. Assim como o desenvolvimento da Paróquia de São João do Cariri, uma das precursoras na região, englobando inicialmente o que, posteriormente, seria a Paróquia de Juazeirinho.

Ao pensar a ação dos que adentraram de sertão adentro, dado o interesse na exploração de novos territórios, seu mapeamento e a busca por uma nova economia a partir do século XVII, se faz necessário refletir sobre a influência que o IHGP teria nessa produção de Rietveld, como também uma influência da necessidade de registros por parte do autor, possivelmente instigada pelo que se tem a partir das produções de religiosos da ordem jesuíta – contemplada neste capítulo da obra de Rietveld em sua atuação no território que compete a cidade de Juazeirinho e/ou da paróquia. Temos em Oliveira⁹⁷:

Desde a fundação de sua ordem, os jesuítas dedicaram-se à conservação dos registros escritos relacionados à sua instituição e às suas atividades missionárias pelo mundo. A produção de documentos da instituição é monumental, tanto no aspecto da colossal emissão de papéis escritos, quanto na intencionalidade do que foi produzido. Desde os tempos de Loyola, sempre houve o cuidado de cultivar um legado exemplar a ser transmitido às futuras gerações. Os próprios jesuítas, a começar pelo fundador da ordem, espelharam-se nos escritos dos santos e padres da igreja conservados através dos séculos. Os exemplos do passado e a memória escrita da igreja estimularam o desejo de deixar algo edificante, digno de ser lembrado no futuro. Inácio de Loyola,

⁹⁵ RIETVELD, Padre João Jorge. *O verde do Juazeiro: catolicismo em Juazeirinho e o norte do Cariri*. 2. ed. Campina Grande: Erik Brito Editor/ Cópias & Papéis, 2016.

⁹⁶ “Os livros de batismo da paróquia de São João do Cariri, por exemplo, registravam expressamente a cor das crianças nascidas, variando entre branco, preto, pardo, crioulo, negro [...]. Esta cor determinava o lugar social (RIETVELD, 2009, p. 70)”.

⁹⁷ OLIVEIRA, 2011, p. 254.

claramente preocupado com a imagem que a Companhia deixaria à posteridade, lembrava ao padre Fabro da importância a ser dada ao que era escrito e como era escrito, pois “a escrita fica e dá testemunho”.

Observando a produção de Rietveld acerca de uma caminhada da Igreja Católica em coexistência com o desenvolvimento paraibano concentrado entre Cariri, Seridó e Sertão, mas principalmente o primeiro, encontramos a partir de Michel Kobelinski (2011)⁹⁸, ao citar a concepção de história nas produções do jesuíta Pierre François Charlevoix, características interessantes pois, se assemelham as conditas na escrita de Rietveld. A exemplo, tempos a “avaliação da exploração territorial, o estado da evangelização, a evolução, social e econômica, e as façanhas de homens proeminentes como Frontenac e os mártires da Companhia de Jesus⁹⁹”. Todos presentes a seu modo, na obra de Rietveld.

Mais adiante, Kobelinski também contribuirá conosco, quando ainda sobre Charlevoix, aponta sobre a necessidade da escrita em busca do conhecimento histórico e uma valorização de si, para que não se dissemine uma concepção de fracasso no discurso existente. Ao se ter uma organização estrutural da obra, trazendo o processo colonizatório como necessário para entender os caminhos que possibilitaram a disseminação da Igreja, corre-se o risco de exaltar a ideia obtida a partir do ditado popular onde os fins justificariam os meios. A escrita, com base em documentos oficiais produzidos a partir de uma instituição que contém suas leis e preocupações, haverá, mesmo que indiretamente na ocupação das narrativas locais, verdades questionáveis dada a tendência e inclinação presentes nas motivações religiosas e sua escrita a partir de um religioso.

No terceiro capítulo, *A primeira paróquia: 1750-1892*, há uma transição digamos, entre os religiosos de ordem por padres seculares. O que ocasiona uma série de reflexões sob o contexto do período, onde mais uma vez Rietveld deixa evidente seu “lado agrônomo”, com uma avaliação do impacto econômico atribuído às secas severas e condições climáticas, que acabam por forçar o deslocamento de pessoas até outras localidades, o que poderia ser o início de uma organização para a futura civilização em território juazeirinhense. Outros pontos mencionados e que requerem ser citados são a abolição da escravatura e seus impactos, mudança de uma monarquia para a república e a distinção da Igreja e Estado.

As demais questões se dariam através da vivência da religião quando o autor cita a Pastoral da Desobriga, a Pastoral do Medo e as Santas missões. Tais situações se dariam como

⁹⁸ KOBELINSKI, Michel. A negação e a exaltação dos sertanistas de São Paulo nos discursos dos padres Pierre-François-Xavier de Charlevoix, D. José Vaissette e Gaspar da Madre de Deus (1756-1774). *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 5, n. 8, p. 49-69, 2011.

⁹⁹ *Ibidem*, 2011, p. 57.

meios utilizados pela Igreja para se manter presente na vida e cotidiano dos fiéis, ao impor sua presença e dogmas através de formas de manipulação. Desse modo, a Pastoral da Desobriga seria a obrigação do fiel em buscar à missa e vivência dos sacramentos pelo menos uma vez ao ano (se tratando da confissão, principalmente); A pastoral do medo como o uso dos “pecados” para castigo dos fiéis, a exemplo, o discurso das grandes secas, sendo sinais do desapontamento de Cristo; as Santas Missões como sendo eventos com duração de uma semana, como meio de “revitalizar a fé dos seus paroquianos¹⁰⁰”. Oratórios, leigos e o cólera também são pontos abordados, ligados à vivência do catolicismo.

No capítulo *Época da consolidação da Igreja: 1893-1964*, já se tem interferências do âmbito político no funcionamento da Igreja, o problema com secas e o impacto que causa a queda do algodão, abordando também a presença do cangaço no cenário religioso, inclusive com embates contra religiosos, para isso, traz ao seu texto Hobsbawm¹⁰¹. O quarto dos cinco capítulos da obra conta com 90 páginas, sendo o maior do livro. O alto número também é composto principalmente pela inserção do desenvolvimento de muitas das cidades atuais na faixa de São João do Cariri até as redondezas de Juazeirinho (ficando de uma cidade a outra uma distância que se próxima dos 50 Km), sendo contempladas a partir de seus registros eclesiais. Assim, temos sobre A paróquia “mãe” de São João do Cariri (1750), Paróquia de Taperoá (1904), Soledade (1913), as capelas de Santo André (1908), Juazeirinho (1913), Ipueiras – atualmente distrito de Juazeirinho – (1927) e Tenório (1963).

Outro ponto que merece destaque neste capítulo é o exemplo que pode desenhar onde poderiam estar os relatos de moradores locais em sua obra. Não encontramos nenhuma entrevista contemplada no decorrer de seu livro, as vozes dos locais têm espaço diante de histórias populares que instigaram o Padre e este, por sua vez, vem a recorrer a sua fonte principal, os livros de registro das paróquias. A exemplo disto, temos sobre *A escrava de padre Custódio*. Sendo ele natural de Portugal, Rietveld localiza seu nome em livros de batismo, mapeando sua vida, os locais onde serviu como pároco, até a verificação da existência da “escrava do padre”:

Os “velhos” de Santo André dizem que padre Custódio comprou uma escrava de nome Thomazia, no Congo. Pesquisei os livros de batismo de São João do Cariri, sede da paróquia a qual Congo pertencia naquele tempo, de 1786 até 1853. Neste período encontrei poucas mulheres com o nome Thomazia. Em 1926, 1834 e 1835 meninas escravas de nome Thomazia foram batizadas na matriz de São João do Cariri. Em 1938 houve o batismo de uma Thomazia que era livre. Em 29 de dezembro de 1852 nasceu uma Thomazia batizada por padre Estanislau Ferreira de Carvalho no dia 01

¹⁰⁰ RIETVELD, 2009, pp. 108, 109-110.

¹⁰¹ HOBBSAWN, Eric. *Bandits*. London: Abacus, 2000.

de janeiro de 1853 na capela do Congo [...]. Concluí que esta Thomazia é a escrava de padre Custódio. Avançando mais com o nome de Iria, a mãe de Thomazia, achei no referido período o nome de oito Irias, todas elas filhas legítimas e livres (2 em 1839, 2 em 1847, 1 em 1846, 1848, 1852) e uma Iria em 1839¹⁰².

Não contente em localizar Thomazia e sua mãe Iria, Rietveld prossegue sua narrativa com as realidades do período em que ambas viveram. Utiliza de Gilberto Freyre¹⁰³ novamente explanando sobre questões ligadas à escravidão, localizando toda uma árvore genealógica destas, até constatar que descendentes seus se encontram atualmente entre as cidades de Juazeirinho e Santo André, com membros atuantes em ambas as paróquias.

Em seu quinto e último capítulo, *Paróquia de São José de Juazeirinho: 1964-2009*, após já ter contemplado acerca da formação do que veio a ser Juazeirinho no capítulo anterior, Rietveld irá chegar de fato a Paróquia de Juazeirinho. Nos *apêndices*, biografias de religiosos e leigos que se destacaram no desenvolvimento de toda a sua narrativa são contemplados, assim como mais dados sobre os municípios próximos, devoções locais, dados acerca de número de casamentos, batismos, obituários com as possíveis causas (dentre outros), fotografias e mapas também.

Com isso, Rietveld elabora uma narrativa de conteúdo rico em informações importantes não apenas para Juazeirinho, acabando por contemplar um ou mais aspectos desde um contexto mundial até um extremamente local. Suas publicações contemplam as áreas da arqueologia, teologia, história e agronomia, tendo ele formação nas áreas de agronomia e teologia, fazendo parte como sócio, da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA) e ocupando cadeira no IHGP. Seu trabalho deve ser reconhecido, como muito importante e de grande contribuição para com produções em todas as áreas citadas, mas o padre que para estudar a história da paróquia costuma se basear nos livros de tombo¹⁰⁴, não deixa passar despercebido as influências de sua escrita.

3.3 O servo semeador de talentos

“Muitas sementes foram espalhadas desde a sua chegada aqui em Juazeirinho. Muitos frutos já são colhidos e muitos outros ainda haveremos de colher, mesmo na sua ausência” – Antônio Batista de Lima Neto¹⁰⁵.

¹⁰² RIETVELD, 2009, p.161.

¹⁰³ FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

¹⁰⁴ RIETVELD, 2009, p. 240.

¹⁰⁵ LIMA NETO, Antônio Batista de. Dizer obrigado é pouco. III Caríssimo amigo, Padre João Jorge. In: Juá Secom. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 22 fev. 2014.

Em fevereiro de 2014, Padre João recebe do bispo Dom Manoel Delson a ordem de seu desligamento da paróquia São José de Juazeirinho – PB. Em 08 de junho, acontece a missa de despedida do Padre João Jorge, após os 12 anos de serviços prestados à paróquia e cidade, com uma série de homenagens feitas por seus paroquianos. Nas palavras de Lima Neto, sua saída acontece já com frutos colhidos com outros mais estando por vir. Segundo o próprio Padre João, durante este período (2002-2014), publicou cinco livros, deixando também trabalhos pastorais e sociais, 52 comunidades, cinco funcionários, uma antiga D-20 de 1994 – modelo de carro da marca Chevrolet no qual ele viajava cumprindo seus compromissos –, uma moto seminova, capelas e casas-paroquiais bem zeladas e uma prestação de contas acerca do financeiro paroquial.

Na parábola bíblica sobre os talentos, presente no Evangelho de Mateus 25:14-30, o servo que enterra o único talento que lhe é confiado, recebe castigo na volta de seu patrão por sua preguiça ao não multiplicar o talento recebido, devolvendo assim como foi recebido. Padre João, poderia ser visto como este, mas sua instrução como agrônomo agindo em seu favor, semeou bem o que lhe foi dado.

Sendo um de seus livros o *Um Juazeiro que floresce. Trezentos e Quarenta e Sete Acadêmicos de Juazeirinho (1913-2013)*, publicado no centenário da cidade (2013), onde dos vinte artigos escritos por profissionais locais de variadas áreas, três trazem a obra de Rietveld (2009) em suas referências, um na área de educação e dois na área de história. Dois anos após sua saída da paróquia municipal, após um ano de descanso em sua terra natal, Holanda, Padre João se torna pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e São Bento na cidade de Cabaceiras, quando, ao esgotar os livros de sua 1ª edição, publica uma segunda: *O verde do Juazeiro: Catolicismo em Juazeirinho e o norte do Cariri*, reeditado, com novo subtítulo e quase cem páginas a mais que na primeira edição, totalizando 456 páginas. Em complemento ao prefácio, Vanderley de Brito atribui “milagre” à figura de Padre João ao despertar interesse pela leitura e conhecimento do passado por onde passa¹⁰⁶.

Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2014/06/02/dizer-obrigado-e-pouco-iii-carissimo-amigo-padre-joao-jorge/>. Acesso em: 30 out. 2020.

¹⁰⁶ RIETVELD, 2016, p. 8.

Em 2017, Luciana Fernandes Nery, organiza uma coletânea de artigos de título *Diálogos e experiências no Município de Juazeirinho, PB*. Com apresentação feita pelo próprio Padre João Jorge, contando com 16 artigos em estrutura semelhante ao organizado por Rietveld e Henrique (2013), outros três artigos o trazem em suas referências, sendo: um de autoria, literalmente de um casamento entre uma geógrafa e um historiador, um outro na área de história e outros dois na área de geografia.

Na obra de mesmo formato, trazendo artigos contemplando a historiografia local, *Limites no Horizonte do Tempo: Textos em História Local* organizada por Flávio Carreiro de Santana e Luíra Monteiro (2019), de forma despretensiosa, também localizamos a presença de trabalhos de padre João, mas ambos não se referem às suas pesquisas sobre Juazeirinho. Dessa vez as referências são de obras dele sobre a cidade de Pedra Lavrada (paróquia onde atuou por um período do tempo em que foi pároco de Juazeirinho) e Cabaceiras (sua atual paróquia).

Estes são alguns dos indícios de que Padre João semeou e vem a colher seus frutos, em Juazeirinho e outros lugares suas pesquisas são de grande auxílio de encorajamento para que outras mais surjam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste trabalho, a partir de uma revisão da curta bibliografia existente sobre a cidade Juazeirinho – PB até o ano de 2014, quais seriam os elementos, motivações e influências que contribuíram na produção da obra de Rietveld (2009), observando também suas ações enquanto pároco no município e o impacto de seus escritos ao pensar a cidade, principalmente, a partir de fontes documentais de caráter institucional da Igreja Católica.

Tendo Juazeirinho – PB, em 2014, seus 101 anos de fundação e três anos passados da publicação da obra de Rietveld, nos atentamos a falta de trabalhos historiográficos que se debruçassem sobre as tantas ou todas possibilidades existentes no município. Até a atualidade, tal carência ainda se faz fortemente presente, assim como há uma ausência de estudos sobre os escritos de religiosos, que acabam por abrir precedentes para a ocupação deste espaço por discursos limitados dentro de seus recortes, materiais e propósitos singulares, quando a criticidade histórica chama a uma constante visitação e promoção de novos olhares.

Reconhecemos a importância da obra aqui analisada, assim como a importância de seu autor, que acaba por forjar para si um lugar na história, na historiografia local e regional – como fora apontado através da sua presença em trabalhos de áreas variadas de conhecimento –, possivelmente um mérito de seu pioneirismo. Contudo, se faz necessária uma atenção maior para o dito e o não dito. Assim como se faz importante uma maior procura pela história local, que fora instigada por Rietveld e que, mesmo provocando uma evolução do contido no “Livro do Município”, já se têm onze anos passados e poucos avanços foram alcançados desde o discurso em Rietveld (2009).

Apesar deste ser um trabalho pensado a partir de uma necessidade burocrática de fins acadêmicos, não desejamos que fique recluso a tal. Por isso, durante toda a sua escrita nos preocupamos quanto a uma fluidez de sua escrita, na esperança de que possamos contribuir não apenas com a historiografia, mas também com as pessoas do local sobre o qual retratamos e que possam vir a se interessar sobre o que produzimos sobre o Juazeiro da Paraíba.

FONTES CONSULTADAS

ARAÚJO, Kacio Rogério de. et al. Resgate Histórico e Cultural do Município de Juazeirinho – PB, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Cidades. Brasil/ Paraíba/ Juazeirinho. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/juazeirinho/panorama>. Acesso: 16 set. 2020.

LIMA NETO. Antônio Batista de. História da Cidade de Juazeirinho – PB 1913.

REFERÊNCIAS

- ADILSON FILHO, José. **A cidade atravessada: velhos e novos cenários da política belojardinese**. Orientador: Durval Muniz de Albuquerque Junior. 2002. 135 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- ADILSON FILHO, José. A história local em tempos de globalização. In: SANTANA, Flávio Carreiro de; MONTEIRO, Luíra Freire (org.). **Limites no Horizonte do Tempo: Textos em História Local**. 1. ed. João Pessoa - PB: Ideia, 2019. p. 177-188.
- ARAÚJO, A. **Juazeirinho 90 Anos**. Revista especial [s.l.]: Gráfica Marcone. V. único. 1500 exemplares. 2003.
- ARAÚJO, Rafael Nóbrega; RAPOSO, Thiago Acácio. Paraibaneidade: olhares sobre a escrita da história da Paraíba e a construção de uma identidade local. **Epígrafe**, v. 4, p. 149-166, 2017.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). **Candidatos a Vereador de JUAZEIRINHO - PB**. In: GAZETA DO POVO: Eleições 2016. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/apuracao/resultados-eleicoes-2016-primeiro-turno/juazeirinho-pb/vereador/>. Acesso em: 18 set. 2020.
- BELUZO, Maira Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. **O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v. 2, ed. 1, p. 196-209, 2015.
- BETTO, Frei. **O que é comunidade eclesial de base**. São Paulo: [s. n.], 1985.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Paulinas Editora, 2011. p. 1504p.
- BRITO, V. Prefácio: À sombra do juazeiro. In: RIETVELD, Padre João Jorge. **O Verde do Juazeiro: história da paróquia de São José de Juazeirinho**. 1. ed. João Pessoa: Imprell Gráfia e Editora, 2009.
- BOESTEN, Tom. Jan Rietveld: een padre op missie in Brazilië. **Werkschrift voor missie, ontwikkeling en vredeswerk**, Uitgeverij abdij van berne, p. 4-5, 2011. Disponível em: <http://www.knr.nl/userfiles/file/missionaire%20agenda/pdf%20ma%202011%20nr%201.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.
- BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento I: de Gutenberg a Diderot**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. Entre a Cultura Histórica e a Cultura Historiográfica: implicações, problemas e desafios para a historiografia. **Revista do Corpo docente do PPG – História da UFRGS**, 2010. p. 211- 214.
- CATOIRA, Thais; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Patrimônio e Fruição: preservando as memórias dos sítios arqueológicos do Município de Camalaú/PB. **Preservação e Gestão**

do Patrimônio Arqueológico: Rio de Janeiro - RJ, p. 62-83, 2016. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_anais_ivsppa/index.html. Acesso em: 20 set. 2020.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, [s.l.], ano 2018, v. 7, ed. 13, p. 272-292, jan/jun 2018.

CHARTIER, R. "Escutar os mortos com os olhos". *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, p. 6-30, 1 jan. 2010.

COSTA, Kiara Tatianny Santos da. **Entre casas e instituições escolares:** A educação de Juazeirinho - PB nas vozes de educadoras pioneiras (1950-1973). Orientador: Wojciech Andrzej Kulesza. 2012. 136 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2012.

COSTA, Kiara Tatianny Santos da; COSTA, Nayara Tatianna Santos da. "**Casas-escola**": reflexões sobre discursos políticos e escolarização no interior da Paraíba. IX seminário nacional de estudos e pesquisas: "História, sociedade e educação no Brasil", João Pessoa- PB, p. 1275-1293, 2012.

DANTAS, Francisca Clenilda Pereira. et al. **Ziziphus joazeiro Mart. - Rhamnaceae:** características biogeoquímicas e importância no bioma Caatinga. *Divulgação Científica E Tecnológica Do IFPB*, João Pessoa - PB, ed. 25, 2014. p. 51-57.

GUIMARÃES, Luiz Ernesto. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O CONTEXTO LATINO-AMERICANO. **Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas**, Londrina -PR, 2008. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/anais_capa.htm. Acesso em: 17 nov. 2020.

GOUVEIA, Hilton. Colecionador de raridades: Delegado aposentado vai lançar livro que conta histórias registradas em Juazeirinho. **A União**, João Pessoa, ano 121, 9 mar. 2014. *Almanaque*, p. 21. Disponível em: https://issuu.com/auniao/docs/jornal_em_pdf_09-03-14. Acesso em: 15 set. 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.

KOBELINSKI, M. A negação e a exaltação dos sertanistas de São Paulo nos discursos dos padres Pierre-François-Xavier de Charlevoix, D. José Vaissette e Gaspar da Madre de Deus (1756-1774). **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 5, n. 8, p. 49-69, 3 nov. 2011.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e voto:** o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA NETO, Antônio Batista de. 95 Anos de um Ilustre filho, Juazeirinho celebra vida e obra de João Vital Guedes. In: **Juá Secom**. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 27 dez. 2013. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2013/12/27/95-anos-de-um-ilustre-filho-juazeirinho-celebra-vida-e-obra-de-joao-vital-guedes/>. Acesso em: 17 set. 2020.

LIMA NETO, Antônio Batista de. Dizer obrigado é pouco. III Caríssimo amigo, Padre João Jorge. In: **Juá Secom**. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 22 fev. 2014. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2014/06/02/dizer-obrigado-e-pouco-iii-carissimo-amigo-padre-joao-jorge/>. Acesso em: 30 out. 2020.

LIMA NETO, Antônio Batista de. Homenagem ao Patriarca da Família Marinheiro Severino Paschoal de Oliveira (Severino Marinheiro). In: **Juá Secom**. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 11 jan. 2014. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2014/01/11/homenagem-ao-patriarca-da-familia-marinheiro-severino-paschoal-de-oliveira-severino-marinheiro/>. Acesso em: 17 set. 2020.

LIMA NETO, Antônio Batista de. Projeto Memória Viva: padre “João Jorge Rietveld”. In: **Juá Secom**. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 22 fev. 2014. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2014/02/22/projeto-memoria-viva-padre-joao-jorge-rietveld/>. Acesso em: 30 out. 2020.

MELO, Inácio Correia de. et al. **Livro do Município de Juazeirinho**. Fundação Brasileiro de Alfabetização – Paraíba. Mobral. João Pessoa: Gráfica J. B. Ltda, 1983.

MOTA, DANIEL. A vocação de João. Um exemplo, sinônimo de paz e fraternidade, que se sente feliz em fazer o bem e pregar a igualdade. In: **Juá Secom**. O portal da Secretaria Municipal de Comunicação e Cultura de Juazeirinho-PB. [S. l.], 17 jul. 2013. Disponível em: <https://juasecom.wordpress.com/2013/07/17/a-vocacao-de-joao-um-exemplo-sinonimo-de-paz-e-fraternidade-que-se-sente-feliz-em-fazer-o-bem-e-pregar-a-igualdade/>. Acesso em: 17 set. 2020.

NASCIMENTO, Michel Galdino do. **A influência da ação social dos religiosos holandeses no processo de desenvolvimento de Arara-PB (Décadas de 1970 e 1980)**. Orientador: Iordan Queiroz Gomes. 2018. 67 p. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2018.

NERY, Luciana Fernandes (org.). **Diálogos e experiências no Município de Juazeirinho, PB**. 1.ed. Queimadas – PB: Gráfica Cópias e Papéis copiadora, 2017.

OLIVEIRA, Gercina Alves de. **A burocracia weberiana e a administração federal brasileira**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 1970.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. **Um estilo jesuítico de escrita da história: notas sobre estilo e história na historiografia jesuítica**. História da Historiografia, v. 7, p. 266-278, 2011.

"O bom Pastor: (Oração)". Intérprete: Padre Marcelo Rossi. Compositor: Waldecir Fárias. In: ROSSI, Padre Marcelo. **Ágape Musical**. Intérprete: Padre Marcelo Rossi. Brasil: Sony Music, 2011. CD-ROM, Faixa 1.

PESAVENTO, S. J. **Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, v. 27, p. 7-23, 2007.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. 9. ed.– Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RIETVELD, Padre João Jorge. **Histórias esquecidas do Catolicismo Caririzeiro**. 1. ed. Campina Grande - PB: Maxgraf- Gráfica e Editora, 2014. 132 p.

RIETVELD, Padre João Jorge. **O verde do Juazeiro: catolicismo em Juazeirinho e o norte do Cariri**. 2. ed. Campina Grande: Erik Brito Editor/ Cópias & Papéis, 2016.

RIETVELD, Padre João Jorge. **O Verde do Juazeiro: história da paróquia de São José de Juazeirinho**. 1. ed. João Pessoa: Imprell Gráfica e Editora, 2009.

RIETVELD, Padre João Jorge; HENRIQUE, José Aellyson da Silva (org.). **Um Juazeiro que Floresce: Trezentos e Quarenta e Sete Acadêmicos de Juazeirinho (1913-2013)**. 1. ed. Campina Grande-PB: Maxgraf- Gráfica e Editora, 2013.

RIETVELD, Padre João Jorge; OLIVEIRA, Sonildo Vital de. (org.). **O Santeiro de Tenório (1892-1975)**. 1. ed. João Pessoa-PB: Imprell Gráfica e Editora, 2006.

ROCHA, Dom Jaime Vieira (org.). **Sob os signos da Esperança e da responsabilidade social: anais do I e II Encontros dos Bispos do Nordeste (Campina Grande, 1956 | Natal, 1959)**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. 392p.

RODRIGUES, Erick Matheus Bezerra Mendonça. **Relações inter-humanas e espaços de alteridade negada no novo mundo: os escritos de Colombo e a visão primeira sobre a terra e sobre o outro. Espacialidades: revista eletrônica dos discentes do mestrado em História da UFRN**. Natal – RN, v. 10, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17670>. Acesso em: 06 nov. 2020.

SANTOS, José Manoel dos. **Nova História de Juazeirinho — PB: recontada em cordel [Folheto]** / José Manoel dos Santos. Juazeirinho: [s. n.], 2003. 16 p.

SANTOS, José Manoel dos. **Repensando Juazeirinho — PB: novas histórias antigas recontadas em cordel [Folheto]** / José Manoel dos Santos. Juazeirinho: [s. n.], 2015. 36 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Josenildo Marques da. **Um novo pai dos pobres: Representação do governo Wilson Braga no Jornal Gazeta do Cariri**. Orientador: Martha Lúcia Ribeiro Araújo. 2011. 75 p. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande -PB, 2011.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). **Weber – Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999, p. 79-127.